



ANO 5 - NÚMERO 52 - FEVEREIRO 2019

# Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

ESCORRE  
OURO EM  
PARACATU



p. 08

## ARQUEOLOGIA

Um berçário  
de fósseis

p. 16

## COMPORTAMENTO

Tá de mal?  
Dá o dedinho!

p. 36

## PERFIL

Seu Espedito:  
artesão e mestre seleiro

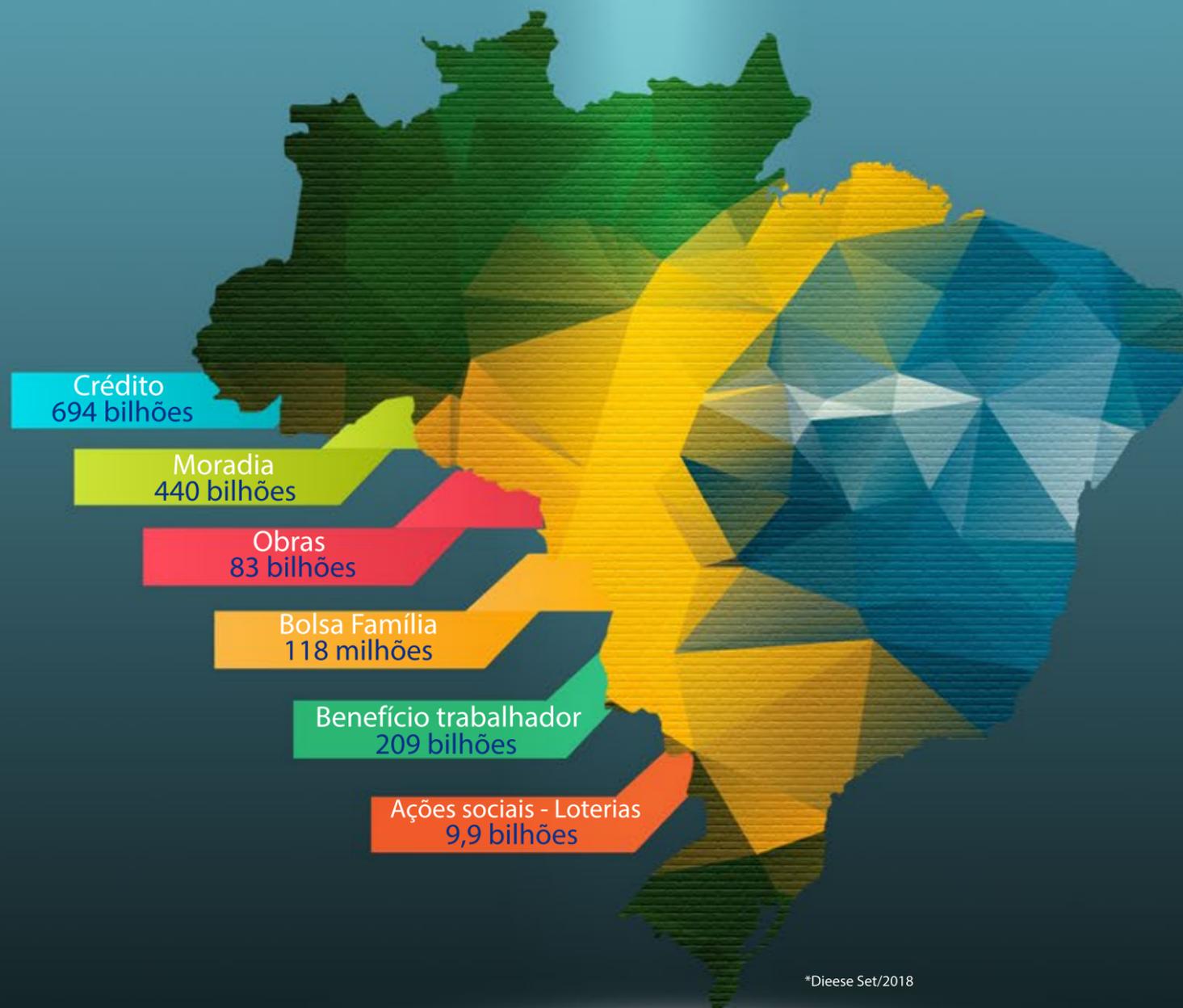
p. 38

# Não tem sentido

## Conheça como a Caixa fortalece o Brasil

**ENFRAQUECER &  
FATIAIR &  
REDUZIR &  
PRIVATIZAR  
A CAIXA**

Acesse [naotemsentido.com.br](http://naotemsentido.com.br) e saiba por que a Caixa jamais deverá ser vendida.



 **FENAE** FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

[www.fenae.org.br](http://www.fenae.org.br)  /fenaefederacao  @fenaefederacao  @sigafenae

“ Encarcerado, bate no peito o coração de um país. ”

Hamilton Pereira (Pedro Tierra)

## COLABORADORES/COLABORADORAS FEVEREIRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ana Elisa Ribeiro – Poeta. Bia de Lima – Professora. Eduardo Pereira – Sociólogo. Elizabeth Monteiro – Psicóloga. Emir Sader – Sociólogo. Elson Martins – Jornalista. Iêda Leal de Souza – Professora. Iêda Vilas Bôas – Escritora. Jaime Sautchuk – Jornalista. José Ribamar Bessa Freire – Professor. Leonardo Boff – Escritor. Lúcia Resende – Professora. Moisés Sarraf – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

- |                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista       | 7. Emir Sader – Sociólogo              |
| 2. Zezé Weiss – Jornalista           | 8. Graça Fleury – Educadora            |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista          |
| 4. Ângela Mendes – Ambientalista     | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Antenor Pinheiro – Jornalista     | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora        |
| 6. Elson Martins – Jornalista        | 12. Trajano Jardim – Jornalista        |



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/ GO. Atendimento: Geovana Vilas Bôas (61) 9 9352 9191. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Logística: Calleb Reis. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa – Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

**A** maior mina de ouro a céu aberto do mundo está no Brasil, em Paracatu, Minas Gerais. A *Kinross Gold Corporation*, multinacional canadense que a explora, praticamente já pôs abaixo o Morro do Ouro, uma enorme elevação que fazia parte do cenário da cidade.

Afora os 17 quilos de ouro que tira dali por ano e os cento e poucos milhões de dólares líquidos que faturou no ano passado, aquele depósito aurífero tem muitos outros componentes. Tem os venenos costumeiros na exploração de ouro, tem as barragens de resíduos minerais e o trato que se dá ao meio ambiente, e tem também cinco mil funcionários.

Este é o tema da reportagem de capa desta edição da Xapuri, fruto de trabalho de campo de nossa equipe. O município de Paracatu, hoje com mais de 90 mil habitantes, cresceu muito nos últimos anos, com o fortalecimento de sua economia. A mineração e a agropecuária são os dois focos mais importantes.

Apesar dos números, a cidade tem mais de um terço da população vivendo abaixo da linha de pobreza. E tudo o que ocorrer nos rios da região irá bater no já sofrido Velho Chico. Alguma coisa está errada nesse processo.

Não é só disso, contudo, que trata esta Xapuri 52, que começamos a folhear. A riqueza dos fósseis dos sítios arqueológicos descobertos em Goiás, Acre e outros pontos do país são inesgotáveis fontes de estudos. E a sumaúma, a bela árvore amazônica, guarda mesmo os espíritos, como dizem os índios Kaxinawá?

O estranho debate sobre o papel do Estado nos dias atuais, que uns querem que seja mínimo, mas se apegam a ele, e as terras indígenas, que o novo governo federal não quer demarcar, são dois outros temas. E mais: o samba-enredo da Mangueira no próximo Carnaval, que trata da vereadora assassinada no Rio de Janeiro, por exemplo.

Sim, e o trabalho artesanal de Seu Espedito, que faz selas de animais e as sandálias de Lampião e seu bando, que agora será reconhecido com exposição em Londres. E Leonardo Boff lembra que, após desastres como o de Brumadinho, “será tempo de refazimento de um Brasil mais cordial, solidário, justo e hospitaleiro”.

Vale a pena conferir.

Boa leitura!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**

**Editores**





## Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Gostei muito da Xapuri de dezembro, com a excelente cobertura dos 30 anos do assassinato do Chico Mendes. Bela matéria. Parabéns!

Jacy Afonso – Brasília – DF.

Me surpreendo a cada mês com a excelência das reportagens.

Renato Pinheiro – Teresina – Piauí.

O trabalho de vocês é estupendo e necessário, vital eu diria.

Sylvio de Alencar Neves Costa – Vinhedo – São Paulo.

## As imagens mais populares da @revistaXapuri



### Imagem do mês

@catarinatokatjian.photo

30.948 curtidas

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

**#revistaxapuri**

Sua foto pode aparecer AQUI!



08

#### CAPA

Escorre ouro em Paracatu

23

#### LITERATURA

Recado

18

#### BIODIVERSIDADE

Samaúma

36

#### COMPORTAMENTO

Tá de mal? Dá o dedinho!

20

#### CONJUNTURA

Quem tem medo de Lula?

40

#### SUSTENTABILIDADE

O que sobra depois do nada?

**Xapuri** – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

#### 16 ARQUEOLOGIA

Um berçário de fósseis

#### 19 MITOS E LENDAS

A lenda da Mãe Samaúma

#### 22 CONSCIÊNCIA NEGRA

Feminismo negro: coragem, luta e resistência

#### 26 POVOS QUILOMBOLAS

Maior território quilombola do Brasil produz seu próprio mapa georreferenciado de sociobiodiversidade

#### 30 GASTRONOMIA

Romeu e Julieta: casamento perfeito da goiabada com o queijo mineiro

#### 31 ECOTURISMO

Santuário do Senhor Bom Jesus dos Matosinhos – patrimônio da humanidade ameaçado em Minas Gerais

#### 32 RESISTÊNCIA INDÍGENA

Heleno de Troia e as nações indígenas

#### 37 CULTURA

História para ninar gente grande

#### 38 PERFIL

Seu Espedito: artesão e mestre seleiro

#### 44 UNIVERSO FEMININO

Margaretha Gertruida Zelle – a Mata Hari

#### 48 QUESTÃO AGRÁRIA

Assentamento Virola-Jatobá, projeto de irmã Dorothy, está ameaçado por fazendeiros Anapu, no Pará

# ESCORRE OURO EM PARACATU

Jaime Sautchuk

Luis Antônio chegou em um dos muitos ônibus da empresa, André em seu próprio carro. Faltam cinco minutos pras seis da tarde, quando começará o turno de 12 horas na maior mina de ouro do país, num dos morros que cercam a cidade de Paracatu, em Minas Gerais, fronteira com Goiás.

Os dois conversam animadamente e se despedem. Só se encontrarão de novo às seis da manhã, quando darão lugar a outra turma, que tocará o trabalho durante o dia. Um, enfurnado em uma máquina que controla uma esteira que arrasta minério até grandes tanques de água; o outro, ajudando no manejo das montanhas de terra que chegam. São, no total, mais ou menos, 1.700 operários e operárias que se revezam na mina.

O turno de 12 horas, por quatro dias, com folga de outros quatro, foram os extrativistas que definiram, em acordo coletivo do Sindicato da categoria com a empresa mineradora. O presidente do Sindiextra (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Extrativas e Paracatu/Vazante), José Rogério Ulhoa, diz que só assim os trabalhadores e trabalhadoras conseguem ficar algum tempo com suas famílias, o que era inviável quando tinham turnos de oito horas, sem as folgas.

Pra cada grama de ouro que irá aparecer, é preciso revolver 2,5 toneladas de terra, cascalhos e pedras. Com isso, o Morro do Ouro, bonita serra bem ao lado da cidade de Paracatu, presente em seus cartões-postais antigos, já sumiu - virou um chapadão acinzentado, onde se veem as escavadeiras e os caminhões, entremeado pela lama das barragens de resíduos minerais.

A empresa canadense *Kinross Gold Corporation*, proprietária da mina, retira dali 1,2 tonelada de ouro por mês. Ou seja, movi-

menta uma quantidade brutal de solo todos os dias, sem parar. E, no ano passado, um lucro líquido de US\$ 110 milhões.

Uma das barragens, a de Santo Antônio, já deixou de receber rejeitos e está em processo de assentamento, pois a recuperação completa é impossível. A nova barragem, Eustáquio, bem maior, vai tomando todos os vãos entre a cadeia de morros existente na região e chegando a profundidades de até 500 m. A empresa alega que, quanto a isso, não há riscos naquela mina.

“As barragens da mineradora são referência no setor e estão entre as mais seguras do mundo. Elas possuem paredes em forma de triângulo que são aumentadas para cima e para frente, em etapas, possibilitando melhor distribuição da força da água e tornando incapaz de romper o maciço”, diz a empresa, em publicação. No entanto, suas águas vão ganhando espaços não preparados com antecedência.

Apesar da proximidade da cidade, a empresa alega que a descaída do terreno é no sentido contrário, do rio Paracatu, afluente do Velho Chico. Nessa área há várias pequenas comu-

nidades, inclusive 69 famílias remanescentes que moram no Quilombo São Domingos e vivem principalmente da produção de açafraão.

Há outras pequenas comunidades de quilombolas e populações ribeirinhas, que também vivem da agricultura. Mas, também elas estariam correndo risco, embora o lago da barragem esteja em processo de enchimento.

O superintendente do Ibama em Minas Gerais, Júlio Cesar Dutra Grillo, diz, contudo, que “todas as barragens de rejeito são perigosas”, o que inclui esta, de Paracatu. Ele sugere legislação “muito mais rígida” sobre esses empreendimentos e propõe imediato descomissionamento (desativação) das que estão em operação.

E vai além, sugerindo o que fazer com elas. “Mas não apenas parar de colocar rejeito nelas. E sim remover o rejeito e colocar dentro da cava da mina ou usar a disposição com o empilhamento a seco”, afirma. E alerta sobre o risco de atingir o Rio São Francisco, inutilizando um dos mais importantes rios do país, como já ocorreu com o rio Doce, após



o rompimento da barragem de Mariana.

No caso, não há mais a cava pra recolocar os rejeitos. O próprio morro foi desbastado, e a própria vegetação não nasce mais naquele solo, hoje contaminado pelo arsênio que se solta do conjunto e vira um perigoso veneno. Pesquisas de universidades e entidades ligadas ao tema revelam sua presença em organismos humanos de habitantes da cidade.

Morador de Paracatu, o professor e geólogo José Márcio Santos afirmou, em entrevista ao jornal *Estado de Minas*, que há um nível de arsênio acima do recomendado em águas subterrâneas, rios e córregos. Ele apresenta análise da urina de 37 moradores – 29 adultos e 8 crianças – das margens do Ribeirão Santa Rita, feita entre abril e julho de 2016. Segundo ele, 70% dos exames mostraram concentração elevada de arsênio.

### CONVÍVIO DIFÍCIL

A presença da mineração praticamente dentro da cidade provoca reações das mais diversas. Mas o fato é que, por razões econômicas, talvez, muita gente defende aquela atividade. Nas ruas, gabinetes, escolas e mesmo nas casas, é comum se ouvir dizer que “a cidade está dividida” a respeito do assunto. E está mesmo, num permanente conflito, que se reflete na política e faz crescer o debate sobre a vida em sociedade.

A própria Câmara Municipal de Paracatu, composta por 18 vereadores, é bastante heterogênea, com vários representantes de movimentos populares. Outras entidades representativas, também atuantes, asseguram certo controle sobre as atividades do serviço público e empresas privadas que atuam principalmente na mineração e



Fotos: Divulgação

atividades da agropecuária.

Pesquisa de grande porte sobre a qualidade da água e do ar em Paracatu começou a ser feita em 2010. O Centro Tecnológico de Pesquisa Mineral (Cetem), do Ministério de Ciência e Tecnologia, informou, em nota, que “teores de arsênio em águas superficiais e solos se mostraram, via de regra, acima do estipulado pela legislação brasileira para consumo humano”.

O texto informa que “empregados da mineradora, que são também moradores do município, não participaram da pesquisa, embora tenham sido convidados”. Em verdade, há nos contratos da empresa restrições à participação de funcionários em qualquer tipo de pesquisa que envolva suas atividades, atitude criticada por entidades e moradores.

A *Kinross* se defende dizendo que a água devolvida aos rios da cidade passa por processo de filtragem e que, nas suas avaliações, é de boa qualidade. Mas há, de todo jeito, outros problemas quanto ao seu uso. O Sindicato dos Produtores Rurais de Paracatu diz, por exemplo, que os produtores tiveram redução no limite de água da irrigação, por decisão da Secretaria de Es-

tado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (Semad).

O município de Paracatu cresceu muito nos últimos anos, em boa parte em função da mineração. A maior empresa da cidade é a *Kinross*, com um total de cerca de 5.000 funcionários, mas há, também, o Grupo Votorantim, que opera na extração de outros minérios, também com alguns milhares de trabalhadores.

A cidade está com cerca de 95 mil habitantes, mas mantém as festas populares tradicionais, como Reis e Divino Espírito Santo, acrescidas de um Carnaval que também atrai turistas de toda a região. Seu centro histórico, requintado, praticamente se diluiu em meio à expansão e a uma arquitetura modernosa, mas ainda se mantém bastante presente na parte central da sua zona urbana.

### OUTRAS BARRAGENS

As barragens de usinas hidrelétricas, mesmo as maiores e mais complexas do país, oferecem um padrão de segurança bem superior ao de lagos de resíduos de minérios. Estes, porém, pela legislação em vigor, deve-



riam ser temporários.

Mas essa norma tem sido descumprida pelas empresas mineradoras, renunciando desastres gigantescos, como esse que se repetiu no mês passado em mina de ferro da Vale, em Brumadinho, Minas Gerais.

A tragédia é muito parecida com a ocorrida há três anos, também em Minas, em exploração mineral também encabeçada pela Vale, em associação com multinacionais. Na ocasião, a lama venenosa atingiu em cheio o Rio Doce, em toda sua extensão, em Minas e Espírito Santo, e toda a grande população ribeirinha.

Desta vez, é o rio Paraopeba e, portanto, o São Francisco, onde a lama venenosa irá chegar, e, de novo, todas as cidades e comunidades ribeirinhas. Um estrago que não tem tamanho, a começar pelas mortes e devastação de áreas urbanas. Impede, de igual modo, o uso das águas atingidas e afeta o próprio terreno por onde vai passando. Desastres socioambientais que se repetem.

A Vale S.A. é a mesma Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), criada por Getúlio Vargas, em 1942, e privatizada por Fernando Henrique Cardoso, em 1997. Foi vendida por ridículos 3,3 bilhões de dólares, o que não pagava nem os 17 navios que a empresa tinha na ocasião. O restante, incluindo ferrovias, as minas de Itabira (MG) e de Carajás (PA) e tudo o mais que a empresa já controlava foi na manha.

Foi junto, também, o enorme conhecimento técnico acumulado pela empresa em vários ramos de conhecimento, em especial na extração de minérios e em logística de transporte. É, hoje, uma das 30 maiores empresas do mundo, em todos os ramos de atividade.

As barragens de resíduos de minérios que a empresa mantém

em suas áreas de mineração, no Brasil, são verdadeiros atentados ao bom senso. São buracos abertos no chão e pronto, como se o terreno fosse preparado pra suportar o peso e a ação dos rejeitos minerais que compõem aquela lama guardada nesses reservatórios.

O correto – e previsto na legislação do país – seria preparar essas crateras que recebem os resíduos, compactando e impermeabilizando o solo, com a aplicação de concreto armado pra vedação, usando técnicas semelhantes às utilizadas em barragens de hidrelétricas, por exemplo.

É certo que o controle dos padrões técnicos do barramento de cursos d'água e depósitos de resíduos é feito por diversas instâncias de governos, sob a forte influência das empresas mineradoras. Estas, especialmente a Vale, mantêm em sua folha de pagamentos grande parte dos deputados federais e estaduais, nos estados onde têm atividades, de modo que controla os processos.

Em relação à barragem de Brumadinho, pra citar o caso mais próximo, decisão de dezembro do ano passado, do Conselho Estadual de Águas de MG, reduziu a posição dessa barragem na classificação de risco, eliminando a necessidade de cumprir novas etapas pra poder ficar do mesmo jeito. Ou seja, pelas normas em vigor, esse depósito deveria se adequar aos padrões, mas foi isentado disso por essa decisão de âmbito estadual.

Ademais, vale lembrar que, hoje, são 20.094 barragens cadastradas no país, a maior parte delas destinadas ao armazenamento de resíduos de minérios. Menos de 1% já foi vistoriada pela Agência Nacional de Águas (ANA), embora grande parte seja considerada de “alto risco” nos papéis oficiais.

Entretanto, esse órgão federal alega dispor de pequeno quadro de técnicos e de recursos financeiros cada vez mais escassos, o que faz sentido, levando-se em conta o total descaso do governo do país com relação a temas socioambientais.

A impunidade da Vale no caso de Mariana, no entanto, deu aval a que a empresa continuasse tocando seus projetos da mesma forma, com inteira liberdade, repetindo o desastre agora e pronta a repetir quantas vezes a natureza quiser.

Nunca é demais lembrar, de igual modo, que a exploração mineral é um tipo de atividade econômica de necessidade duvidosa ao país. Em primeiro lugar, porque se trata de um recurso natural não renovável, que não precisa ser retirado do subsolo às pressas, numa política que interessa apenas aos grandes barões da mineração, entre os quais, a Vale.

### GUIMARÃES ROSA

Essa parte de Paracatu é muito conhecida e descrita pela literatura nacional desde o Ciclo do Ouro goiano (1720-1820), do qual ela fez parte. A cidade é citada também por Guimarães Rosa, no livro “Grande Sertão: Veredas” e, numa das ocasiões, o jagunço Zé Bebelo promete levar Diadorim e Riobaldo até lá, afirmando:

*“Ainda quero passar, a cavalos, levando vocês, em grandes cidades! Aqui o que me faz falta é uma bandeira, e tambor e cornetas, metais mais... (...) Eh, vamos no Paracatu-do-Príncipe!...”*

A história da cidade, aliás, é imbricada com o precioso metal. Seus primeiros colonizadores foram mineiros chegados da Bahia e a grande quantidade de escravos negros que levaram, pros trabalhos pesados. O ouro dali, como nos demais locais abertos no mesmo período, era princi-



Foto: Divulgação

palmente de aluvião.

Ou seja, ao longo de milênios o metal assenta no leito do rio, por ser mais pesado que os demais pigmentos carregados pela água. Assim, especialmente nas curvas, áreas mais profundas e entrâncias do curso de água, são formados depósitos do minério, de onde é retirado.

No mais das vezes, esse trabalho braçal é feito com pequenos desvios de água, que é canalizada em valetas e cai em bateias manuseadas por garimpeiros. Quanto mais gente bateando, em movimento giratório como se fossem peneiras, maior será a produção, daí o intensivo uso de mão de obra.

Para este tipo de trabalho, o colonizador preferia utilizar escravos negros, em lugar de índios. Primeiro, porque se um índio ainda isolado tivesse que escolher entre uma pena de pássaro e uma pepita de ouro, sua escolha por certo recairia sobre a pluma, tal o valor que ele dava ao metal.

Já o outro, em especial o chamado “negro de mina”, que conhecia o minério havia 4.000

anos, de tão habituado, identificava terreno aurífero colocando uma pitada de terra na boca. A química da saliva possibilitava a identificação do pigmento dourado. E onde havia um pouco, decerto haveria mais, no subsolo, conforme suposição que se confirme na Mina de Paracatu.

Na manipulação do metal, os exploradores continuam usando técnicas antigas, como é o caso do mercúrio e cianureto na separação e solidificação das pepitas. Contudo, o trabalho individual, nas bateias, foi substituído por processos de maior volume e mais acuidade na identificação e seleção desse mineral, a ponto de, no caso da mina de Paracatu, haver uma reciclagem nos resíduos, mais refinada, o que duplica a produção.

### CHEGADA DA SOJA

Outra parte do município, de terras planas, passou a viver da pecuária bovina, atividade a que se dedicou por mais de um século. Depois, foi palco das primeiras experiências com a soja tropical, grão desenvolvido

no Brasil, pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias).

Há muito tempo, a soja – ou o feijão de soja, como era chamada – era plantada nos estados do Sul, em maior quantidade no Paraná e Santa Catarina, como uma alternativa aos feijões tradicionais, mas sem largo uso culinário.

Na década de 1970, porém, o Japão, altamente dependente dela, criou a *Japan International Cooperation Agency* (JICA), destinada a buscar alternativas ao grão que comprava exclusivamente dos Estados Unidos, e por isso financiou o Programa de Desenvolvimento do Cerrado (Prodecer), que pagou pesquisas da Embrapa, voltadas a um produto mais versátil, passível de cultivo em regiões quentes.

Desde o início, o Prodecer levou agricultores sulistas, financiou a aquisição de terras e o plantio pioneiro, experimental, no Sul de Goiás, especialmente em Rio Verde e Jataí, e Oeste de Minas Gerais, com foco em Paracatu. Cooperativas de produtores, também incentivadas, cuidavam da comercialização.

Eficiente, a Embrapa desenvolveu sementes que se adaptaram bem aos solos e climas tropicais, mas exigindo o uso de venenos de vários tipos, inclusive pra evitar a rebrota das raízes de plantas nativas que haviam sido arrancadas. Assim, as lavouras de soja passaram a ser também depositárias de galões de agrotóxicos vazios.

Esse processo provocou fortes mudanças na região de Paracatu, especialmente na composição social daquela sociedade, até então majoritariamente de origem negra. O ex-ministro (e presidente) do Supremo Tribunal Federal (STF) Joaquim Barbosa, por exemplo, é um descendente daquela geração.

Nos anos 1980, a Kinross, que usava o nome de Rio Paracatu Mineração, obteve do governo federal a concessão do Morro do Ouro, onde pequenos garimpeiros ainda mariscavam, tentando tirar algum ouro em bateias. A mineradora cercou a área, pôs vigias na mina e começou a comprar lotes, sítios e fazendas de antigos moradores.

Hoje, a empresa tem uma área de milhares de hectares, toda cercada e com acesso restrito. A parte principal, onde fica a mina, tem acesso pela BR-040 (Brasília-BH-Rio). No entanto, logo ao deixar a rodovia federal, pegando a estrada interna, também asfaltada, o visitante se depara com uma barreira, onde há uma guarita, sendo permitido o ingresso somente de pessoas autorizadas. Toda a área é mantida sob constante vigilância de guardas armados.

#### ALFORRIA PRECOCE

É difícil precisar o número de escravos que se ocupou das minas de Paracatu, mas é certo que chegou a 15 mil, nos períodos de garimpo mais intenso. É



Foto: Divulgação

certo, porém, que grande parte ganhou a liberdade bem antes do restante do país, pois muitos de seus proprietários foram embora e achavam pouco compensadora a venda, já que os prováveis compradores estariam em Salvador (BA) e no Rio de Janeiro, ambos distantes.

A descoberta de ouro na região se deu na década de 1.740, mas alguns bandeirantes relataram suas passagens por ali bem antes disso. De qualquer modo, foi em 1.744 que o padre Antônio Mendes Santiago, da diocese de Olinda, no Pernambuco, assentou praça na localidade de Arraial das Minas do Paracatu. Oficialmente, porém, a vila foi criada pela Coroa portuguesa em 1.798, com o nome de Vila do Paracatu-do-Príncipe.

Ele seguia uma convenção antiga, que dava àquela alça da Igreja Católica o controle de todos os vales do Rio São Francisco. Era matador de índios e odiado por seus métodos de ação. Nos meios católicos, a parte superior

do Velho Chico, até sua nascente, em Minas Gerais, estaria sob o jugo de Mariana, então capital da província, onde os clérigos não gostavam dessa intromissão vinda do Nordeste.

De toda forma, a vila passou a influir na ocupação da parte Sudeste de Goiás, iniciada pela Vila de Santa Luzia, hoje Luziânia, que era deslocada do eixo inicial daquele estado, que foi Vila Boa da Santíssima Trindade (hoje Cidade de Goiás, ou Goiás Velho), fundada pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Anhanguera II, em 1.726. Logo depois, surgiram Corumbá de Goiás (1.730) e Pirenópolis (1.731), mas todas elas na parte ao Norte de onde está hoje o Distrito Federal.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor



# LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

[www.xapuri.info/loja-solidaria](http://www.xapuri.info/loja-solidaria)

NOSSA FORMOSA,  
NOSSO ORGULHO!

Comprando uma camiseta,  
você contribui para fortalecer  
o trabalho do Coletivo Vivarte  
em Formosa - Goiás.

CAMISETAS 100% ALGODÃO  
FAÇA SEU PEDIDO AGORA!



## RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

Camiseta  
Toca da Onça  
Coleção: Formosa  
Cor: Amarelo Ouro

Toca da Onça  
Milênios de História  
Formosa - Goiás

Arte: Bruno Bernardes  
Acervo: Xapuri



Camiseta Itiquira  
Coleção: Formosa  
Cor: Laguna

Itiquira  
Fartura das Águas  
Formosa - Goiás

Arte: Bruno Bernardes  
Acervo: Xapuri



Camiseta Bisnau  
Coleção: Formosa  
Cor: Rubi

Bisnau  
Mistério da História  
Formosa - Goiás

Arte: Bruno Bernardes  
Acervo: Xapuri



# UM BERÇÁRIO DE FÓSSEIS

Altair Sales Barbosa



Fóssil é uma palavra oriunda do latim, que atualmente pode ser entendida como todo resto orgânico, ou evidência direta de sua existência, cuja idade limite

é o início do Holoceno, ou seja, onze mil anos.

Os fósseis são objetos de estudo da paleontologia e possuem inúmeras variações, desde indivíduos

os minúsculos, como pólenes, foraminíferos, ou estruturas como os estromatólitos, que foram os primeiros fabricantes de oxigênio, até vertebrados gigantes.

Para que haja a fossilização, torna-se necessário um conjunto de fatores que permite a ocorrência da diagênese, que é a silicificação ou mineralização das partes orgânicas. Mas há outras formas de preservação sem que haja a diagênese. Por exemplo, um inseto preso num âmbar ou um ser orgânico preservado dentro de um bolsão de petróleo são exemplos de fossilização natural, sem que haja a diagênese. A mumificação, de modo geral, não se trata de fossilização, mas sim de um hábito cultural.

Mudando um pouco a rota do raciocínio, nossa educação superior se sustenta no fato de que não se fazem pesquisas porque não há laboratórios. Ou, simplesmente, acreditam que o pesquisador é aquele que possui um título de mestrado e/ou doutorado e investem muitos recursos neste sentido.

Na maioria dos casos, o resultado é negativo. Isso porque, para ser pesquisador, são necessários apenas três requisitos básicos: senso de observação, criatividade e vocação.

Claro que o laboratório é um suporte de peso. Mas, como sempre digo, se prendermos um pesquisador numa sala vazia, ele sempre acha algo para investigar, diferentemente de outros, que acabam em depressão. Se ao senso de observação, criatividade e vocação se juntar a titulação, melhor ainda.

Vou citar um exemplo de laboratório vivo, que pode abrir a porta de vários horizontes. Quase todos os dias cruzo o rio Meia Ponte, em Goiânia, e fico observando que, em época de chuva abundante, sempre se formam pequenas lagoas marginais,

geralmente afastadas uns cem metros do leito principal do rio.

Observo também que, quando as lagoas pouco profundas têm água, há sempre um bando de garças se alimentando de pequenos peixes e outros animais. Também observo que, às tardezinhos, um ou outro pescador solitário fica no local arriscando a sorte. Quando o período de chuva é mais prolongado ou mais abundante, vejo que as pequenas lagoas se mantêm perenes por mais tempo.

Passado algum tempo, vem o período da seca e imediatamente essas lagoas desaparecem, deixando exposto à superfície um solo argiloso todo trincado. Quando se peneira ou se escava essa terra, sempre se encontram, preservados, esqueletos de peixes, anfíbios e até de aves.

Claro que esse material não se classifica como fósseis, mas representa a fauna que no local habitava até bem pouco tempo. E acima de tudo mostra como se dá o processo inicial de fossilização, servindo assim como um laboratório, para aqueles que estudam Geociências e Biologia.

Mas o local pode ir além dessas informações e se constituir num espaço onde inúmeras pesquisas possam ser desenvolvidas.

Por exemplo, um professor juntamente com seus alunos pode aprofundar as escavações na área através de um corte estratigráfico pequeno - 2m x 2m - e, nesse local, desenvolver suas aulas práticas, utilizando metodologias trabalhadas pela paleontologia, arqueologia, geologia, geografia, etc.

Aprofundando mais a escavação, além do superficial, os

professores e alunos irão encontrar material mais antigo, além de entenderem os processos de sedimentação ocorridos na área.

irão encontrar ossos de peixes e outros animais, fossilizados ou não, compará-los com os restos atuais, e poderão constatar se houve modificação faunística no período. Também poderão entender a dinâmica do rio, colher sedimentos, datá-los e efetuar análises polínicas, com o objetivo de constatarem se houve mudança na vegetação no decorrer do tempo.

Dessa forma, salientando apenas alguns pontos de uma pequena lagoa marginal, pode-se demonstrar que um local com essas características pode se transformar num grande arquivo de pesquisas, que guarda informações importantíssimas de âmbito regional, mas que também pode demonstrar fenômenos globais.

Mas, para que tudo isto ocorra, o professor deve ser valorizado em todos os aspectos, com incentivo, recursos e motivação. Isso porque a motivação é a mola mestra da criatividade, e a falta de criatividade, sem nenhuma sombra de dúvida, é a antessala da alienação.



**Altair Sales Barbosa**

Dr. em Antropologia e Geociências  
Smithsonian Institution  
de Washington D.C. USA  
- Pesquisador do CNPq -  
Membro Titular do Instituto  
Histórico e Geográfico  
de Goiás



# SAMAÚMA

Elson Martins

Enorme, ela caiu do céu numa tarde quente de verão amazônico imersa numa nuvem de algodão. Eu a vi pousar no meio de um lago cercado de floresta densa. Deslumbrado, acompanhei sua decida suave e então a coloquei na palma da mão, plantando-a, cuidadosamente, num vaso com estrume.

Eu morava na Chácara do Ipê, condomínio afastado do centro de Rio Branco, numa casa com quintal amplo e piscina, que vendi (1991) a um amigo. Da piscina, observei o floco branco caindo do céu azul.

A cena era comum nos seringais: identifiquei a sementinha no meio do floco e a retirei para plantar. Depois, voltei ao banho e ao trabalho. Três meses depois, minha mulher me chamou atenção: "A semente nasceu!".

A pequena samaúma estava com 30 centímetros de altura, mas já com ares de rainha. Escolhi um lugar no quintal, longe da casa, transplantando a muda para a terra. E a pequena árvore cresceu.

Ao vender a casa fiz exigência: "Vamos colocar no contrato que é proibido derrubar a samaúma". A tal cláusula nunca existiu de verdade, mas o novo proprietário passou a cuidar da *ceiba pentandra* (como os cientistas denominam a espécie) com zelo e carinho.

A árvore cresceu imponente e bela, destacando-se dos velhos ipês que cercam a residência. Tanto que algumas mentes temerosas começaram a assustar o novo proprietá-

rio: "Derruba, ela vai acabar com o teu muro... A raiz não resiste a uma tempestade".

Pode ser, e não vou desejar um mal desse ao amigo. Mas acho que ele pode deixá-la chegar à fase adulta, como um monumento que mostrará, orgulhoso, aos convidados e às crianças. Tem tempo para isso, o que um bom técnico poderá atestar instruindo sobre como preservá-la sem riscos.

Sei que a samaúma atinge 60 metros de altura, possui tronco com diâmetro de três metros e meio e uma copa de 22 metros. Suas raízes não penetram o solo a fundo, mas tecem uma malha à cata de húmus com alguns tentáculos de mais de 500 metros, que servem também de alicerce.

Possuindo fibras delicadas, dos galhos às raízes, chamadas sapupemas, de onde se extrai uma água cristalina boa para beber, a samaúma poderia ser uma árvore sagrada da Amazônia. Ela cresce nas margens dos rios, junto aos lagos ou no coração da mata densa, servindo de bússola para os povos da floresta.

Na minha infância, sempre tive olhos para essa árvore que voa. Ficava abismado com a semente preta e minúscula (também comestível) à semelhança de um amendoim torrado. A semente paira sobre a floresta e os rios na sua nave tenra, sabe-se lá quanto tempo. Como se a mãe natureza mandasse espalhar suas rainhas pelas florestas do mundo, plantando-as nos locais

mais inacessíveis ao homem.

Os índios Kaxinauá (Huni Kui) afirmam que a samaúma tem espírito, ou que o espírito vive dentro dela. Apenas os pajés têm o direito de apreciá-la de perto. Os não-índios costumam descansar no seu dorso e imaginar seu voo, certamente, à procura de um lugar fértil na terra e na consciência das pessoas!

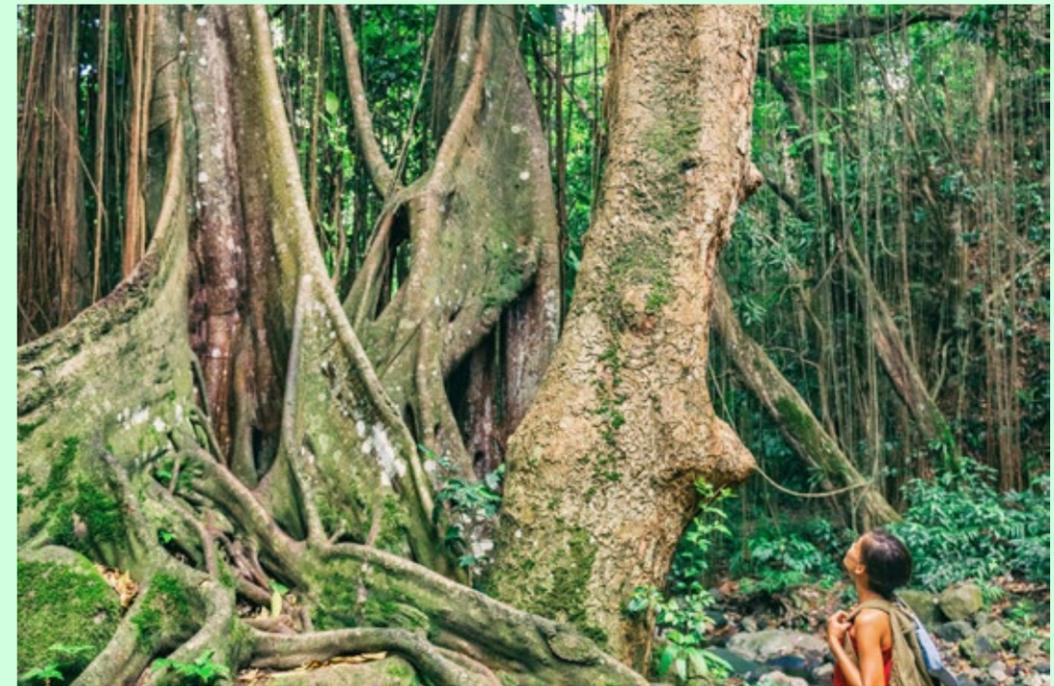
Nota: Em dezembro de 2018, Júlia Feitoza e eu, Zezé Weiss, jantamos com Elson Martins em sua casa de Rio Branco. Entre uma prosa e outra, Elson nos contou essa história, publicada em seu blog <http://www.almanacre.com/>. A samaúma da Chácara do Ipê não mais existe. Porém, por capricho do destino, outra paina aterrissou no jardim do Elson, faz uns poucos meses. De novo, a semente foi plantada e já é muda de quase meio metro. "Dessa vez vou plantá-la na floresta," comentou o semeador de samaúmas.



**Elson Martins**

Jornalista acreano. Como repórter regional de *O Estado de São Paulo*, acompanhou a partir 1975 a primeira fase dos conflitos pela terra no Acre, ajudando a colocar Chico Mendes na mídia local e nacional.

# A lenda da Mãe Samaúma



Diz a sabedoria da floresta que a Samaúma tem na sua base, chamada de sacupema, uma grande porta invisível aos olhos humanos, que é usada como uma passagem para conectar o mundo humano com o universo espiritual.

É por essa porta que entram e saem os seres mitológicos da floresta e, em especial, uma bela garota, que antes foi uma grande curandeira e protetora dos animais e das plantas da Amazônia e hoje vive dentro da própria árvore, como o espírito essencial da Samaúma.

Conta a lenda que em tempos muito antigos o marido dessa curandeira foi picado por uma cobra venenosa, e ela nada pôde fazer para salvá-lo. Passado o luto, a moça se dedicou a pesquisar a cura para a picada de cobras. Ela descobriu que o tubérculo da planta jérgon sacha (*Dracontium lorettense*) não só curava as picadas, mas também dava à pessoa imunidade contra o veneno de outras picadas.

Infelizmente, um dia o filho da curandeira foi picado, e o remédio não funcionou. Desesperada, ela tomou uma medida radical: usando rapé, suplicou ao espírito da planta que deixasse seu filho viver. Em troca, a curandeira concordou em tornar-se espírito e viver para sempre na base da Samaúma.

Por isso é que hoje tem "Mãe Samaúma", esse espírito que ocupa um lugar de honra no reino da floresta. É ela quem, com sua poderosa energia, olha e protege as plantas e os animais das matas e da natureza.



# QUEM TEM MEDO DE LULA?

Emir Sader

As vezes em que apareceu a possibilidade - real ou não - do Lula voltar a estar livre, causaram pânico nas hostes da direita. Jornalistas, políticos, empresários, militares - todos expressaram quase desespero diante dessa possibilidade.

Que tanto o Lula Livre assusta a todos eles? A ponto que um militar chegou a justificar a aberta e escandalosa pressão sobre o STF na noite anterior ao julgamento do habeas corpus para o Lula, dizendo que, "senão, o processo saíria fora do controle". Isto é, o processo está sob controle os militares. E o Lula Livre tiraria o processo do controle dos militares. Isto é, permitiria a restauração de uma disputa democrática no Brasil, o que hoje é insuportável para a elite brasileira.

O que significa o Lula colocar o processo fora do controle? Mais do que isso: tiraram a liberdade do Lula e também sua palavra. Lula não pode circular pelo Brasil, se encontrar com as pessoas, falar com elas, ouvi-las. Não pode voltar a fazer as Caravanas pelo Brasil. Não pode sequer dirigir a palavra aos outros, mesmo preso.

Que tão perigoso é o Lula? O perigo é para quem? Quem tem medo do Lula? Medo de que o Lula denuncie seu processo, sua condenação, sua prisão? Medo de que, agora, recorde como ele denunciava a falta de isenção do Moro e agora possa confirmar isso com sua participação no governo, como contrapartida de tê-lo tirado da disputa?

De que o Lula denuncie a pressão militar para que o STF não lhe concedesse o habeas corpus e como o STF se ajoelhou diante da pressão? De que o Lula denuncie as condições em que se deram as eleições? De que denuncie como o Judiciário fez vistas grossas diante de todas as irregularidades?

Mas, principalmente, que o Lula recorde como no seu governo os brasileiros viviam muito melhor, eram felizes, tinham emprego, todos podiam dizer o que pensavam, todos podiam ser candidatos. O governo era respeitado, fazia políticas que desenvolviam a economia, programas sociais que atendiam a todos. A educação só se expandia, incorporando a setores cada vez mais amplos nas escolas técnicas, nos institutos de educação, nas universidades.

Recordar que os brasileiros tinham orgulho de ser brasileiros. O país era respeitado no exterior e Lula era um grande personagem da política mundial.

A presença política e moral do Lula é demais para lideranças imorais, sem apoio popular, nem capacidade de liderança política. Eles não podem imaginar um debate com o Lula. Perdem o sono de pânico de ter que ouvir os argumentos do Lula, as questões colocadas pelo Lula.

Lula Livre, nas ruas, conversando com as pessoas, visitando lugares, falando com o povo, se reunindo com organizações partidárias, com movimentos sociais, com artistas, com intelectuais, fazendo atos públicos - é demasiado para a fragilidade e artificia-

lidade com que foi construído esse governo. Ele não suporta a força de uma pessoa como o Lula, de uma liderança como a do Lula. O confronto é brutal para um governo eleito com manobras ilegais, liderado por uma pessoa desqualificada, que fugiu o tempo todo dos debates públicos e até das entrevistas.

A presença política e moral do Lula é demais para lideranças imorais, sem apoio popular, nem capacidade de liderança política. Eles não podem imaginar um debate com o Lula. Perdem o sono de pânico de ter que ouvir os argumentos do Lula, as questões colocadas pelo Lula.

Lula se tornou o personagem maldito da história brasileira atualmente, porque o tipo de governo e de regime que a direita pode oferecer não tem força, nem estrutura para suportar a comparação com os governos do PT, que começaram com o Lula. Não sobreviveriam a uma disputa democrática aberta. Só existem porque instalaram um regime de exceção e pretendem blindar seu poder. Por isso a luta pela liberdade do Lula se confunde com a luta pela democracia no Brasil hoje. Terminar com a maldição desse governo que instalaram pelo golpe, pelas arbitrariedades jurídicas e pelas trapaças políticas.



**Emir Sader**  
Sociólogo  
Autor do livro "O Brasil que queremos."

## LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

[www.xapuri.info/loja-solidaria](http://www.xapuri.info/loja-solidaria)

LULA LIVRE!

Compre uma camiseta e contribua para fortalecer a campanha Lula Livre, em defesa da liberdade do presidente Lula.

CAMISETAS 100% ALGODÃO  
FAÇA SEU PEDIDO AGORA!



Camiseta Lula Livre | Coleção: Resistência | Cor: Vermelho Lula Livre!

Arte: Igor Arruda  
Acervo: Xapuri

### RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



# FEMINISMO NEGRO:

## CORAGEM, LUTA E RESISTÊNCIA

Iêda Leal



*Não digam que fui rebotalho,  
que vivi à margem da vida.  
Digam que eu procurava trabalho,  
mas fui sempre preterida.*  
Carolina Maria de Jesus, em Quarto de Despejo

*"Quando a vida das mulheres negras importar,  
teremos a certeza de que todas as vidas importam."*  
Ângela Davis

Março já bate à nossa porta e até agora, quase um ano depois, nenhuma resposta nos foi dada sobre o assassinato de vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) e de seu motorista Anderson Gomes, no dia 14 de março de 2018.

Os abusos, infelizmente, não param em Marielle, nem se localizam em um espaço geográfico determinado. Mulheres negras são assassinadas, todos os dias, no Brasil inteiro. Dados do Atlas da Violência 2018, produzido pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) documentam: Das mulheres assassinadas no Brasil na última década, 71% eram negras.

Em artigo recente para o Portal Geledés, Marciana de Freitas Souza atribui à nossa realidade pré-capitalista, sua economia escravista e a todo o ambiente político, que vem desde o período colonial, a legitimação dessa cultura de racismo que perdura em nossos tempos.

Mal tomou posse, o novo governo federal faz questão operar o desmonte acelerado das políticas públicas conquistadas a duras penas pelo povo negro nas últimas décadas. Deixa de existir a SEPPIR e entra em colapso o sistema de cotas. Consolidam-se os objetivos do golpe de 2014: para as populações pobres e negras, não mais espaços de justiça, inclusão e liberdade.

Essa é a sorte que nos destinam. Não é esse o destino que nos espera. Como em tantas outras situações de abuso ao longo dessa história excludente e turbulenta, nós, mulheres negras, faremos da mobilização e da participação política do feminismo negro estrada e ponte para que a nossa população negra possa, uma vez mais, vencer a

desigualdade, a injustiça e a falta de respeito aos nossos ancestrais.

Cabe a nós, mulheres negras, nesse momento trágico em que acordamos todos os dias na mira das violências, na possibilidade de mais Marielles serem executadas por segmentos dessa sociedade misógina e racista, que insiste em nos perseguir e nos eliminar.

Cabe a nós fomentar a tomada de consciência sobretudo de nossas jovens mulheres, para que elas possam enfrentar o racismo com a radicalidade necessária para recobrar os espaços perdidos e mudar os rumos do futuro desse nosso povo que, apesar dos pesares, segue confiante em amanhã de menos dor, mais conquistas e oportunidades.

Continuaremos resistindo, lutando incansavelmente, parafraseando Ângela Davis, "quando as mulheres negras se movem, toda a estrutura política e social se movimenta na sociedade."

Odojá, Marielle Franco!



**Iêda Leal**

Tesoureira do SINTEGO; Secretária de Combate ao Racismo da CNTE; Conselheira do Coordenadora Nacional do Movimento Negro Unificado - MNU; Vice Presidenta da CUT-GO.



# RECADO

Ana Elisa Ribeiro

astuta a morte,  
que prega peças;  
quantas vezes ouviste,  
quando foste criança,  
menina, não mexas no vespeiro!

mas a todas as meninas pretas  
dizem as mesmas tolices;  
e a todas as meninas, afinal,  
até o dia em que,  
incomodados com tanta ousadia,  
executam-nas a céu aberto,  
devolvendo-as ao silêncio.

tua voz, no entanto, semeia  
e o silêncio jamais será o mesmo,  
cravejado de mil gritos.

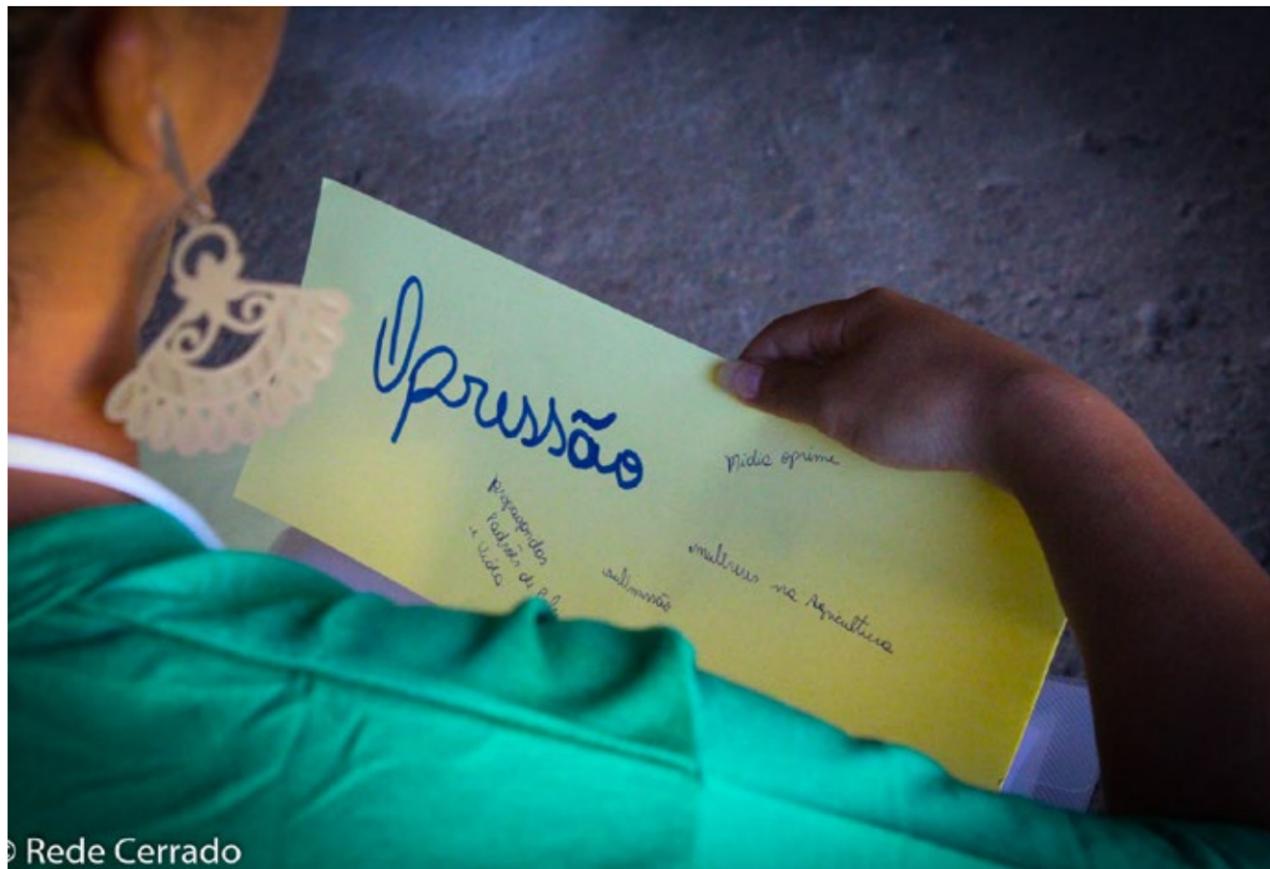


**Ana Elisa Ribeiro**

Poeta mineira. Professora universitária. Publicou, dentre outros livros, *Xadrez* (2015), *Anzol de pescar infernos* (2013), *Fresta por onde olhar* (2008). O poema homenageia Marielle Franco, vereadora e militante negra, assassinada no Rio de Janeiro em março de 2018. Até hoje, não se tem resposta nem punição para quem matou Marielle e Anderson Gomes, seu motorista.



# EDUCAÇÃO NO E DO CAMPO: BANDEIRA DE LUTA COMUM DAS JUVENTUDES DO CERRADO



© Rede Cerrado

"A educação só faz sentido se for emancipatória", defende Railson Borges, do estado do Piauí. E para que isso aconteça, as escolas também precisam ser entendidas e construídas como sendo no e do campo. No campo, para que crianças e jovens não tenham de percorrer, todos os dias, quilômetros e mais quilômetros para chegarem até as salas de aula. Do campo, para que essas juventudes vejam suas realidades e especificidades retratadas e respeitadas dentro da política pedagógica dessa instituição que é direito constitucional de todas e todos.

Reunidos em Hidrolândia (GO), em dezembro de 2018, para o I Encontro Nacional das Juventudes do Cerrado, promovido pela Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, mais de 100

jovens conclamaram em carta final divulgada após o evento:

*"Nós queremos permanecer em nossa terra e conservar o nosso Cerrado. Nossa luta por permanência é também uma batalha por uma Educação do e no Campo. A Educação do Campo é uma política pública para a organização do conhecimento dos povos do campo. É uma polaridade cultural dirigida pelos povos do campo dentro de seu lugar de origem, é um processo de resignificação da teoria e da prática na superação da escola tradicional".*

Denunciaram, ainda, o fechamento das escolas do campo no país, que vêm, sistematicamente, aumentando nos últimos anos. Somente no estado do Piauí, foram 317. Segundo dados

do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 40 mil unidades escolares encerraram suas atividades nos últimos 15 anos. E isso fez com que milhares de jovens deixassem suas comunidades em busca de oportunidades nas cidades.

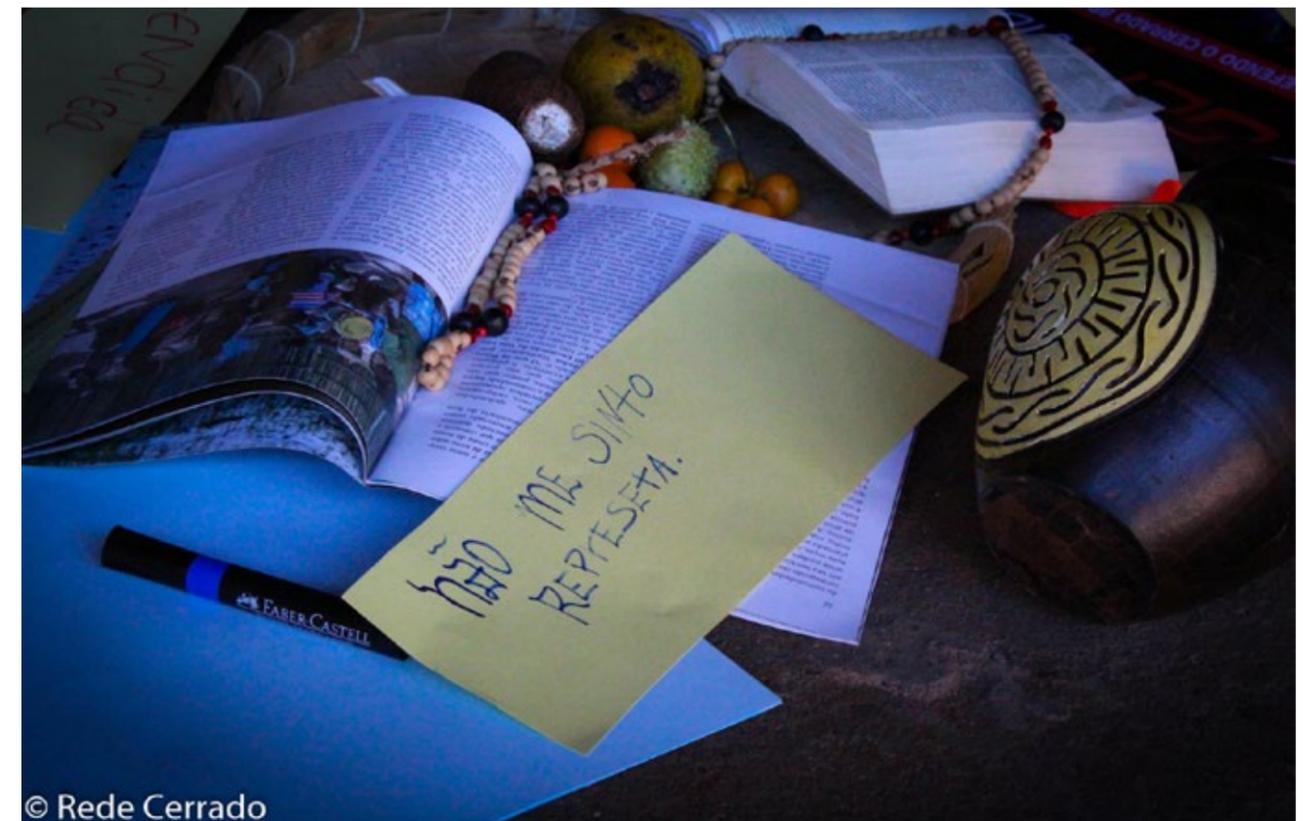
Em carta, continuaram:

*"Permanecer no Cerrado é também incentivar nossos modos de produção, geração de renda e conservação do nosso Bioma. Por isso, também gritamos pela valorização de uma assessoria técnica voltada para a produção da juventude, investimento em Escolas Família Agrícola (EFA's), e políticas públicas para nosso acesso ao mercado justo e de economia solidária".*

Manter-se em seus lugares de origem para essas e esses jovens é fundamental. Contudo, "as escolas das cidades não dialogam com os

modos de vida e costumes do campo. E isso pode tornar a vida do jovem do campo nas cidades muito difícil", acrescenta Railson. Ele, assim como os demais jovens do encontro, tem consciência do seu papel: dar continuidade às tradições e aos modos de vida dos povos e das comunidades tradicionais e camponesas essenciais para a manutenção dos ecossistemas e conservação do meio ambiente. A Articulação das Juventudes do Cerrado está viva, em pé e em luta!

A Rede Cerrado conta com o apoio do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (CEPF, na sigla em inglês para Critical Ecosystem Partnership Fund) e do DGM Brasil - Mecanismo de Apoio Dedicado a Povos Indígenas, Comunidades Quilombolas e Comunidades Tradicionais do Cerrado Brasileiro. Para saber mais, acesse: [www.redecerrado.org.br](http://www.redecerrado.org.br).



© Rede Cerrado





Fotos: Karin Villatore, Durval Motta

# MAIOR TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO BRASIL PRODUZ SEU PRÓPRIO MAPA GEORREFERENCIADO DE SOCIOBIODIVERSIDADE

Zezé Weiss

Em meados do mês de janeiro, com um grupo de amigos, deixei Formosa numa manhã de sexta-feira rumo ao município de Cavalcante, no nordeste goiano, epicentro do maior território quilombola do Brasil, onde vivem cerca de 1,5 mil famílias do povo Kalunga, em 261.999,69 hectares.

Andávamos em busca de um bom banho na Cachoeira de Santa Bárbara, uma das mais lindas do Brasil, e eu, particularmente, de saber mais sobre a construção de uma usina hidrelétrica (PCH) em área sagrada para o povo quilombola, já em fase de audiência pública, à

revelia da vontade dos Kalunga, por familiares do governador de Goiás, Ronaldo Caiado.

De Formosa, fiz contato com Vilmar Kalunga, desde 2014 presidente da Associação Quilombo Kalunga (AQK), que mora em Cavalcante, e com Ester Kalunga, vice-presidente da AQK, moradora do município vizinho de Teresina de Goiás.

Vilmar veio me ver na manhã do sábado, na pousada onde nos hospedávamos. Com Ester nos encontramos na cidade, a caminho do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga - SHPCK, onde Vilmar novamente se juntou a nós para o almoço.

Naquela manhã de conversas produtivas, de imediato soube que a matéria da PCH dos Caiado, que pretendo escrever para a Xapuri, carece de mais tempo e mais pesquisa, razão porque penso voltar logo a essa cidadezinha acolhedora e pitoresca que é Cavalcante.

De toda forma, ganhei do Vilmar um lindo Calendário da Biodiversidade Kalunga, com imagens de 19 espécies ameaçadas, em risco de extinção, identificadas pelas próprias comunidades quilombolas. E essa virou a minha história.

Soube que, por coincidência, a AQK estava começando na-

queles dias o projeto "Uso do Geoprocessamento na Gestão do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga - SHPCK", por meio do qual o povo Kalunga fará, ele mesmo, o mapeamento da sociobiodiversidade do seu território.

Fomentado pelo Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (*Critical Ecosystem Partnership Fund - CEPF*) o projeto, aprovado em junho de 2018, contou, primeiro, com a formação de 24 jovens Kalunga e a contratação de um especialista sênior para, até julho de 2019, realizar pesquisa domiciliar em todas as residências de todas as comunidades Kalunga, localizadas nos municípios de Alto Paraíso, Cavalcante, Campos Belos, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás.

O Calendário, explica Vilmar, faz parte da estratégia de engajar o povo Kalunga com os objetivos do projeto que, combinando entrevistas pessoais com tecnologias de geoprocessamento, pretende "conhecer com profun-

didade a realidade das comunidades, para promover a ocupação sustentável do SHPCK e fazer com que os Kalunga sejam reconhecidos, nacional e internacionalmente, como defensores do patrimônio cultural e de biodiversidade do território onde vivem há quase três séculos.

Nessa etapa, a AQK fará a associação dos levantamentos de campo com a base cartográfica e o mapeamento temático, realizado por meio de geoprocessamento e sensoriamento remoto. Será feito também o levantamento cadastral das atividades de garimpo, retirada ilegal de madeira e pesca predatória, e dos atrativos turísticos. Durante todo o processo, serão entregues os calendários em pontos estratégicos, como nas escolas, comércios, associações comunitárias, e em cada casa quilombola.

Eles servem, no dizer de Vilmar, para conscientizar as famílias e as comunidades sobre a importância da participação de todos para a gestão ambiental e preservação da biodiversida-

de de toda a área Kalunga. Em especial, o Calendário compartilha os resultados de um levantamento prévio da AQK, que identificou 19 espécies ameaçadas, encontradas na área Kalunga.

Segundo Ester Kalunga, as espécies-alvo de conservação foram priorizadas de acordo com o critério de grau de ameaça, focado em espécies que enfrentam risco extremamente elevado de extinção na natureza, exigindo ações urgentes de conservação.

Vilmar complementa: "se essas espécies puderam ser identificadas a partir da experiência centenária da nossa vida em harmonia com o Cerrado, a ampliação do conhecimento por meio deste projeto do mapeamento da sociobiodiversidade permitirá ao nosso povo Kalunga cuidar ainda mais da preservação do bioma que lhes serve de morada neste nosso combalido planeta Terra".

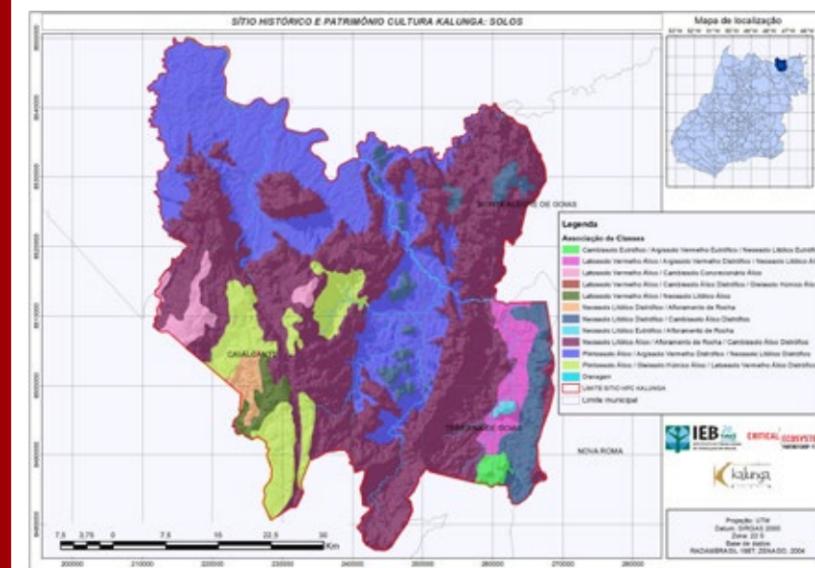
## Zezé Weiss

Jornalista Socioambiental. Participaram da visita a Cavalcante: Aloizio Mercadante, Athos Pereira da Silva, Joseph Weiss, Regina Barros e Thais Maria Pires. Contribuíram com informações e fotos para esta matéria: Calleb Reis, Durval Motta e Karin Villatore. Gratidão.



## SOBRE A ASSOCIAÇÃO KALUNGA

AA Associação Quilombo Kalunga (AQK) é uma organização civil, sem fins lucrativos e sem finalidade econômica, voltada para a defesa dos interesses e direitos de todas as comunidades formadas por moradores do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (SHPCK), espalhadas entre os municípios goianos de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás. Fundada em outubro de 1999, a AQK é constituída pelas Associações Kalunga de Cavalcante, de Monte Alegre, de Teresina e do Engenho II, além da Epotecampo. Mais informações: (62) 3494-1062, aqkalunga@gmail.com e <https://www.facebook.com/pg/AQK-Associacao-Quilombo-Kalunga>.





Este ano, a participação de estudantes será ainda maior com a junção do projeto Grafite ao projeto Praça Sustentável

Fotos: Acervo do CEF 8 de Sobradinho

## CEF 8 de Sobradinho utiliza bioconstruções na educação ambiental e combate à evasão escolar

*Socializar, construir e grafitar: uma forma sustentável de promover a inclusão e aproximação dos estudantes*

O corpo docente do Centro de Ensino Fundamental (CEF) 8 de Sobradinho utiliza bioconstruções e técnicas de permacultura como estratégias de incentivo à educação ambiental, inclusão social e combate à evasão escolar.

O projeto que prevê a construção de uma praça sustentável na escola com uso de superadobe é coordenado, atualmente, pelo professor de Ciências Naturais, Diogo Pacher. A técnica foi desenvolvida na década de 70, pelo arquiteto iraniano Nader Khalili.

A edificação é simples: consiste em preencher sacos de rafia com solo úmido e argiloso, compactados e moldados de acordo com a estrutura desejada. Existem várias práticas como, adobe, superadobe, COB, taipa e outros. Além de ciência, os discentes aprendem conceitos de geografia, matemática, cálculo de volume, perímetro e área superficial.

Ele explica que antes de iniciarem o planejamento, os alunos visitaram a Chácara do Professor do Sinpro-DF, sindicato que representa a categoria em



Antes de iniciarem o planejamento, os estudantes visitaram a Chácara do Professor, espaço construído aos moldes da permacultura e bioconstruções

Brasília. O amplo espaço foi planejado e construído aos moldes da permacultura e bioconstruções.

Segundo Pacher, o diferencial do método está na rapidez, baixo custo, durabilidade e pouco impacto ambiental. Existem casas de superadobe que podem resistir mais que as de alvenaria. A essência das bioconstruções consiste em criar estruturas que respeitem o meio ambiente, desde o planejamento até o descarte de resíduos.

“Em nossa escola já tínhamos a demanda de um espaço ao ar livre para atividades recreativas dos alunos. Diante da nossa necessidade, vimos no projeto uma oportunidade de ensinar aos estudantes a importância da educação ambiental. A praça ainda não está totalmente pronta. Ainda dependemos de recursos para a compra dos sacos de rafia e a ideia é concluir o espaço este ano, em parceria o projeto de grafite. Neste outro, os alunos com problemas comportamentais que pichavam, utilizarão a arte do grafite para decorar a praça sustentável. Hoje, os estudantes têm autonomia para construir sozinhos. Os menos experientes fazem um banco de quatro camadas em duas horas, enquanto os mais experientes em 30 minutos”, explica.

Em 2018, somente alunos do 8º ano



participaram do projeto. Na época, a ideia foi apresentada na Feira de Matemática e na Feira de Ciências, onde chegou à etapa regional do circuito. Este ano, Diogo explica que a participação dos alunos será maior com a junção dos dois projetos.

“Fico feliz em ver o interesse e a iniciativa dos estudantes. Projetos como este ajudam a incluir os discentes em atividades que auxiliam no desenvolvimento humano.

iniciativas assim são fundamentais e possíveis, mas, sempre com o apoio da equipe gestora que é imprescindível. Desde o início das atividades temos tido resultados positivos dos alunos. Problemas como indisciplina, conflitos, déficit atenção e outros têm sido resolvidos através do trabalho em equipe. A praça de superadobe, além de ser um lugar de interação entre os estudantes durante os horários recreativos, servirá como um espaço de atividades diversas, promovidas por toda a comunidade escolar”, concluiu o educador.

# ROMEU E JULIETA:

## CASAMENTO PERFEITO DA GOIABADA COM O QUEIJO MINEIRO

Lúcia Resende

Imagine uma versão gelada da goiaba com queijo, a nossa mais perfeita tradução da clássica sobremesa servida nas mesas das Minas Gerais...

Pois essa versão existe, e se chama Romeu e Julieta, uma

torta gelada feita com os clássicos queijo e doce de goiaba, presentes na gastronomia mineira desde os tempos coloniais.

Embora sua confecção seja um pouquinho demorada, o processo é fácil e o resultado im-

perdível. Basta seguir os passos propostos nesta receita publicada por Nídia do Carmo, editora e redatora do site Tudo Receitas: <https://www.tudoreceitas.com/receita-de-torta-de-romeu-e-julieta>.



Foto: Divulgação

### PASSOS PARA A REALIZAÇÃO DESTA RECEITA:

1. Comece a preparação do recheio fervendo o leite e adicionando a manteiga. Bata a ricota no liquidificador e, aos poucos, vá juntando o leite fervido para que se desfça completamente. Junte os ovos e o leite condensado e volte a bater para misturar.

2. Despeje o recheio sobre a base de biscoito e leve ao forno a 150°C, deixando assar lentamente até o creme ficar consistente. Separadamente, derreta a goiabada com a água e use a mistura para cobrir o cheesecake depois de assar.

3. Coloque sua torta de Romeu e Julieta na geladeira deixando esfriar por 2 horas. Depois está pronta para servir!

### INGREDIENTES:

Para a massa:

- 1 pacote de biscoito maisena (200 g);
- ½ pacote de manteiga derretida (100 g).

Para o recheio:

- 300 mililitros de leite integral;
- 300 gramas de ricota;
- 03 colheres de sopa de manteiga sem sal (60 g);
- 1 lata de leite condensado;
- 3 ovos.

Para a cobertura:

- 200 gramas de goiabada;
- ½ xícara de água (120 mililitros).

### Dica:

Use um palito para verificar a consistência do creme assado no forno.

Bom Apetite!



**Lúcia Resende**  
Professora  
@mluciacres

# SANTUÁRIO DE BOM JESUS DOS MATOSINHOS

## PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE AMEAÇADO EM MINAS GERAIS

Eduardo Pereira



Foto: Wikipédia

Não tem quem passe por Congonhas, cidade histórica de Minas Gerais, que não tenha pelo menos uma foto ao lado de um dos doze apóstolos esculpidos em pedra sabão por Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, no adro do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em tamanho real.

Reconhecidas pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade, as estátuas fazem parte do complexo religioso do Santuário, que conta também com a Igreja do Bom Jesus de Congonhas, em seu interior ricamente decorada no estilo rococó, e com seis capelas (passos) que, para a religião católica, representam as Estações da Cruz, e em cujo interior se encontram sessenta esculturas barrocas, esculpidas em madeira, obras-primas do grande artista mineiro do Brasil Colônia, representando a Paixão de Cristo.

Do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, fundado pelo português Feliciano Mendes

de-se ver a barragem Casa de Pedra, o "monstro que paira sobre os 54 mil habitantes de Congonhas", conforme definição do prefeito do município, José de Freitas Cordeiro, conhecido como Adelinho.

Segundo a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) de Minas Gerais, com seus 50 milhões de metros cúbicos de resíduos de mineração que se acumulam em uma montanha de rejeitos de 76 metros de altura, somando quase cinco vezes o volume que irrompeu em Brumadinho, a Casa de Pedra é classificada como Classe 6, a mais alta em categoria de risco e de dano potencial associados.

Traumatizados pelas tragédias criminosas de Mariana e Brumadinho, os moradores de Congonhas, especialmente os do bairro Galter Monteiro, cujas casas ficam a apenas 250 metros das paredes da barragem, vêm informando às autoridades estaduais

na segunda metade do século XVIII e construído durante mais de 100 anos (1757-1805), cujas capelas ficam abertas à visitação pública de terça a domingo até as 20h30,

e à imprensa, da dificuldade de ação, ou pelo menos de resposta por parte da CSN, com respeito à segurança de suas vidas.

Membros da comunidade alegam que a companhia se recusa ao diálogo, mesmo tendo sido constatado um alto risco de rompimento pelo Ministério Público de Minas Gerais, que encontrou problemas na estrutura da Casa de Pedra duas vezes, em 2013 e 2017, tendo determinado uma série de medidas corretiva em outubro de 2017.

Em entrevista à BBC News Brasil, o prefeito Adelinho informou que, em reunião recente com a mineradora, a CSN se comprometeu, "de boca", a iniciar o processo de desativação da barragem, que está em operação há 15 anos, até o final de 2019, mudando o processo de produção do minério de ferro para a produção do rejeito a seco, que não precisa de barragem.

Até lá, é contar com a sorte e torcer para que as gerações futuras também tenham a chance de fazer suas selfies ao lado dos profetas barrocos do adro da Igreja de Bom de Jesus, no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, na cidade de Congonhas, no estado de Minas Gerais.



**Eduardo Pereira**  
Sociólogo  
@weiss\_guru

# HELENO DE TROIA E AS NAÇÕES INDÍGENAS

José Ribamar Bessa Freire



As recentes declarações do general Augusto Heleno à Globo News agora, em 2019, me fazem lembrar dois de seus predecessores ideológicos: Hélio Jaguaribe, que fez conferência em 1992 na Escola Superior de Guerra e o general Durval Nery, que se manifestou num debate sobre a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, na Rádio Band-AM, em 2008, num debate do qual participei. Os três martelaram a mesma lenga-lenga, parece até lição decorada: “O Brasil pode perder boa fatia de seu território, se os índios decidirem proclamar a independência de suas terras demarcadas”. Será?

O general Heleno fala na condição de ministro do Gabinete de Segurança Institucional do governo Bolsonaro, quando se pronuncia contra as demarca-

ções das terras indígenas determinadas pela Constituição de 1988. Em sua opinião, um território como o da Raposa Serra do Sol atentaria contra a soberania nacional ao permitir que os índios tenham autonomia sobre ele. “Se amanhã uma ONG resolver abraçar a causa, cria uma bandeira, cria um hino, já tem território, e pedem a ONU para criar uma nação”. Ele diz que o correto não é “dar terras”, mas integrar os índios e transformá-los em cidadãos.

Que raciocínio simplório, meu Deus! Um país com 16 mil habitantes! E reconhecido pela ONU! Segundo o general Heleno, existem demarcações feitas a partir de “laudos antropológicos fraudulentos”, que incorporam em alguns casos, como no norte da Amazônia, “tribos” onde ele te-

ria encontrado “um morubixaba, um tuxaua, um cacique, sei lá, que não falava português, só inglês”.

O Queiroz e o Flávio Bolsonaro a gente sabe o que ganharam, mas o general não disse nem lhe foi perguntado o que lucraram os antropólogos com a pretensa fraude, em que consistiu a fraude, quais as fontes em que se baseou, nem esclareceu que o índio poliglota ao qual se refere morava na fronteira com a Guiana de fala inglesa, onde viviam seus parentes. Jair Bolsonaro não fala inglês e nem por isso “o Brasil está acima de tudo”.

Com todo respeito, sobre a questão indígena o general só falou disparates, que não resistem a menor análise. Os dois Pereira – Heraldo e Merval – An-

drea Sadi, Cristiana Lobo, Natuza Nery e Gerson Camarotti só diziam amém. Esboçaram riso cúmplice quando o general debochou dos antropólogos que rejeitam o uso do termo “tribo”. Não havia uma viva alma para questioná-lo. Não havia o contraditório nem o exercício dialético de se contrapor para orientar quem assistia ao programa. Foi feito para o telespectador acreditar naquela unanimidade.

## FAIXA LIVRE

O Jornal das Dez da Globo News não é como o programa Faixa Livre da Rádio-Band-AM do Rio de Janeiro comandado pelo radialista Paulo Passarinho, que entrevista pessoas de pensamento diverso e aperta a todos com perguntas, abrindo espaço para as indagações dos ouvintes. Foi assim em 2008, quando participei com o fotógrafo Milton Guran de um debate com o general Nery, que foi logo criticando o fato de eu ter me referido aos índios como na-

ção”. O Estado é um con-ceito, com o perdão da palavra, da geopolítica, formado por um conjunto de instituições políticas e uma máquina administrativa que organiza o território. Já nação se refere às comunidades humanas que têm em comum tradições, línguas e outros babados. A Bélgica e a Suíça, que esconde dinheiro de corruptos, são países que abrigam várias nações, com várias línguas reconhecidas, e nem por isso esses estados plurinacionais capitalistas têm sua soberania ameaçada.

O general retrucou que sabia muito bem qual a diferença entre Estado e Nação, mas insistiu que no caso do Brasil o uso do termo era perigoso. Argumentei, então, que foram os portugueses que chamaram as “tribos” de nação, conforme consta na documentação do período colonial e que me parecia disparatado o medo de uma palavra, que aliás se referia a um coletivo, como atesta a brincadeira das crianças em Portugal que cantavam:

ameaça à integridade do Brasil com seus milhões de torcedores?

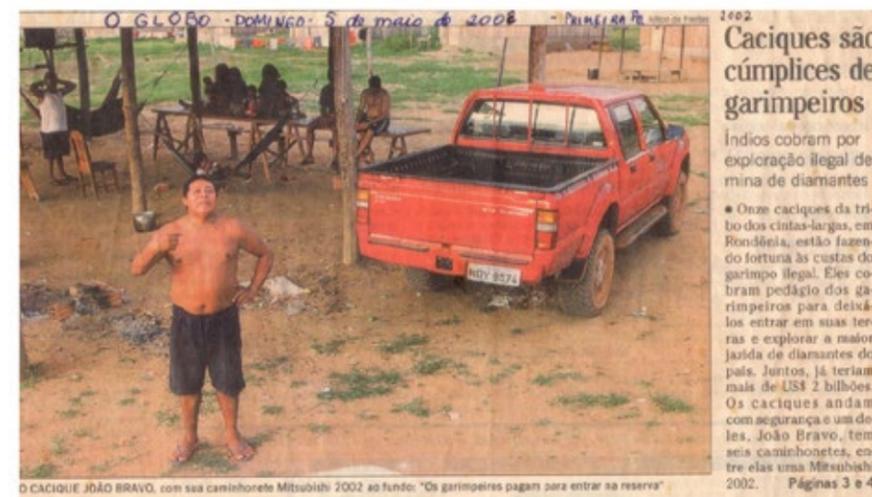
Num determinado momento do debate, quando o general Nery falou o que agora o seu colega Heleno repete, de que a demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol poderia decepar um pedaço do território brasileiro, eu contra argumentei:

– General, só teme 16 mil índios armados de arco e flecha aquele que não confia nas Forças Armadas Brasileiras, com aviões, tanques, armas pesadas, mísseis anti-aéreos. Eu confio nas nossas Forças Armadas, por isso não compartilho tal temor e sou a favor de que o Brasil reconheça os direitos dos índios que ocupavam esse território muito antes dos portugueses.

O Barão do Rio Branco e Joaquim Nabuco sabiam que foi exatamente o contrário: “Os peitos dos índios foram as muralhas dos sertões”, que garantiram a extensão territorial do Brasil. Esse discurso de que os índios podem procurar a ONU para formar outro país é tão delirante e estapafúrdio como a “notícia” do jornal O Globo que publicou no dia 5 de maio de 2002 uma matéria com chamada na primeira página, jurando que onze caciques já teriam juntos 2 bilhões de dólares, anote bem US\$ 2.000.000.000. Não exibiu qualquer prova, não indicou onde estava essa grana. O autor da matéria acha que seus leitores são débeis mentais. É fake, mas se colar, colou.

## JAGUARIBE, O PROFETA

Já Hélio Jaguaribe, que se supõe bem informado pela sua formação acadêmica, em conferência na Escola Superior de Guerra, em 1992, indicou com todas as letras quem eram os aliados externos que queriam se apropriar das riquezas minerais



ções, o que era perigoso porque podia dividir o Brasil em vários países.

– General – eu lhe disse – parece que há certa confusão com as definições de “estado” e de

“Aranha, aranhão, sapo, sapão, bicho de toda nação”. Era usado no sentido de “nações campone-sas” tal qual definidas pelo teórico holandês Anton Pannekoek. Em que a nação rubro-negra

existentes em áreas indígenas. Jaguaribe era Secretário de Ciência e Tecnologia no Governo Collor quando jurou que a demarcação de terras indígenas era uma estratégia para decepar a Amazônia e criar dentro dela várias pátrias. Deu nome aos bois:

– “O objetivo que se tem em vista é o de criar condições para a formação de ‘nações indígenas’ e proclamar, subseqüentemente, sua independência com o apoio americano”.

Diante de acusação tão grave, os leitores esperavam que Jaguaribe, o patriota, fosse consequente e propusesse medidas para afirmar a soberania nacional tais como: a modernização do Exército brasileiro, a organização e mobilização popular contra o imperialismo americano, a expulsão das multinacionais que desrespeitam as leis brasileiras, o protesto do Brasil na ONU, um pedido de esclarecimento ao embaixador americano e, se necessário, o rompimento de relações diplomáticas com os Estados Unidos.

Necas de pitibiribas! Nenhuma medida dessas foi proposta. Jaguaribe, assim como o general Heleno, são bonzinhos com os americanos e com os empresários, com quem falam fino. Ai deixam de ser patriotas. A bronca dele é com os índios, com quem engrossam a voz. Ai voltam a ser patriotas. No Brasil deles, que não é o nosso, a única forma de defender a soberania – diz Jaguaribe – é anular as “concessões gigantescas” de terras indígenas e reduzi-las “a proporções incomparavelmente mais restritas”. Podemos desconfiar que tem carço debaixo desse angu.

Se isso tivesse ocorrido, a profecia de Jaguaribe seria concretizada oito anos depois. Efetivamente, índio sem-terra morre. Naquela ocasião ele vaticinou, como ave de mau agouro, que no ano 2000 não haveria mais índios no Brasil, o que motivou comentário do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro: – “Engraçado! Os índios acham que quem não existirá mais será o Jaguaribe”. Jaguaribe efetiva-

mente deixou de existir, mas os índios continuam resistindo.

Esses americanos, na realidade, não precisam usar os índios para explorar o minério de suas terras, porque já escolheram Jair Bolsonaro como um boy favorito e aplaudem o Guedes no comando da economia brasileira. Eles querem construir mais Brumadinho e Mariana em território indígena. O discurso contra a demarcação, que vem acompanhado de um firme propósito de “integrar os índios como cidadãos”, parece ser um presente de grego. Como o cavalo de Troia de madeira, tal discurso carrega em suas entranhas mineradoras e agronegociantes para invadir o território indígena. Só que, ao contrário dos troianos, os índios não estão dormindo.

**José Ribamar Bessa Freire**  
Professor da Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-Rio). Administrador do site <http://taquiprati.com.br>, onde esta matéria foi publicada originalmente.



# LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

[www.xapuri.info/loja-solidaria](http://www.xapuri.info/loja-solidaria)

SEGUIR SONHANDO,  
SEGUIR LUTANDO!

Comprando uma camiseta,  
você contribui para fortalecer o  
trabalho do Comitê Chico Mendes,  
no Acre.

CAMISETAS 100% ALGODÃO  
FAÇA SEU PEDIDO AGORA!



## RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

Camiseta  
Chico Mendes  
Cor: Verde Bandeira

«Não vamos  
permitir que  
nossas florestas  
sejam destruídas»

Arte: Emir Bocchino  
Acervo: Xapuri



Camiseta  
Chico Mendes Vive  
Cor: Vermelha

Chico Mendes Vive!

Arte: Daniela dos Santos  
Acervo: Xapuri



Camiseta  
Chico Mendes  
Cor: Cinza Chumbo  
Chico Mendes Vive!

Arte: Daniela dos Santos  
Acervo: Xapuri



Camiseta  
Chico Mendes Vive  
Cor: Preta

Chico Mendes Vive!

Arte: Daniela dos Santos  
Acervo: Xapuri



Camiseta  
Chico Mendes  
Cor: Verde Bandeira

Chico Mendes Vive!

Arte: Emir Bocchino  
Acervo: Xapuri



# TÁ DE MAL? DÁ O DEDINHO!

Elizabeth Monteiro

**C**aramba!... Essas últimas eleições fizeram um verdadeiro estrago nos relacionamentos sociais e familiares. Você percebeu que "muvuca"!?... mal

Até as crianças brigaram por causa dos candidatos. Vi casais se separando, amigos se odiando, familiares se ofendendo... E agora, José?

As eleições terminaram, ganhou quem ganhou, perdeu quem perdeu, os políticos estão fazendo as suas alianças... e você? Já pensou no que fazer para resgatar as pessoas afastadas? Vai se manter nessa postura inflexível e orgulhosa?

Será que vale terminar um relacionamento só por divergência de opinião, ou por política? Se você pensa assim, vai sofrer muito nessa vida. Somente o que você pensa é certo? Oras... Quanta prepotência!...

Inteligente e sábio foi Sócrates ao dizer:

"Todo o meu saber consiste em saber que nada sei".

Muitas pessoas têm "mentalidade de briga": Não sabem aceitar divergências e tomam como ofensa qualquer pensamento diferente do seu. Que ego, hein?

Por que estou abordando esse tema? Porque agora penso em como será o futuro dessas famílias encrenqueiras e encrençadas.

Gente, não faz sentido brigar por opiniões diferentes. Se você agiu, ou age assim, saiba que está errada! Sim... ERRADA! E não venha discutir comigo porque eu não tenho paciência com gente inflexível.

## FAZER AS PAZES

Trate de se aproximar das pessoas afastadas, dar o dedinho e fazer as pazes. Dar o dedinho? Se você não sabe o que isso significa, não aprendeu a perdoar. Quando eu era criança e brigava com as amigas, a gente se arrendia e para fazer as pazes entrelaçava o dedo mínimo com a da amiga brigada e os soltava

simultaneamente. Isso significava a quebra da magia e o pedido de perdão.

O mundo não é preto e branco. Ele é multicolorido: Tem gente que gosta do vermelho, outra do amarelo e assim vai.

E o fato de cada um pensar diferente não significa que sejamos todos inimigos. Crescemos com as diferenças, se aprendemos a questioná-las e assimilá-las.

Vamos lá... Ligue para os familiares e os amigos. Reúna esse povo para celebrar a vida:

Vamos fazer o juramento do dedinho.

Juntar o meu mindinho com o seu mindinho.

Então fechou, o trato está feito.

Aqui não tem assinatura.

A gente sela com um beijo.

A vida é curta. Não se alimente de ódio.

Dê um sorriso largo e sincero!



**Elizabeth Monteiro**  
Psicóloga

# HISTÓRIA PARA NINAR GENTE GRANDE

Samba-Enredo da Mangueira - 2019

O Samba-Enredo da Estação Primeira de Mangueira para o Carnaval de 2019 homenageia a vereadora Marielle Franco, morta a tiros no dia 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro. O enredo "História para ninar gente grande", do carnavalesco Leandro Vieira, composto por Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mamá, Márcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino, conta também um pouco da história do Brasil. Veja a letra do samba na íntegra:

Mangueira, tira a poeira dos porões  
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões  
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jame-  
lões  
São verde e rosa as multidões

Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu dengo  
A Mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500  
Tem mais invasão do que descobrimento  
Tem sangue retinto pisado  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara  
E a tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati  
Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês

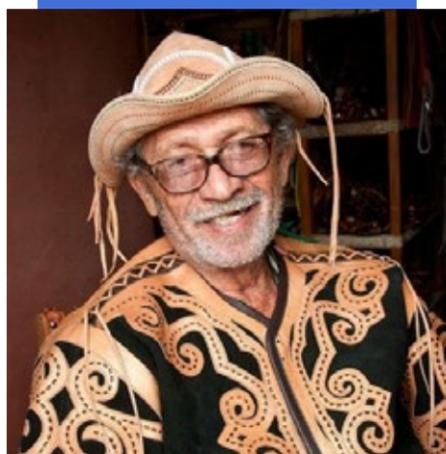
Mangueira, tira a poeira dos porões  
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões  
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jame-  
lões  
São verde e rosa as multidões

## SEU ESPEDITO: ARTESÃO E MESTRE SELEIRO

Zezé Weiss

*“Tem gente que chega lá em casa, aí diz: Mas, seu Espedito, por que que toda peça sua tem um coração? Digo: porque eu faço de todo coração, né?”*

*Espedito Seleiro*



Seleiro desde menino, Seu Espedito, nascido em 1939, em Arneiroz, no interior do Ceará, aprendeu o ofício com o pai, aos oitos anos, confeccionando selas e outros equipamentos para vaqueiros, tropeiros e cangaceiros.

Do pai, falecido muito moço, herdou algumas ferramentas de ofício e a responsabilidade de sustentar a mãe e seus nove irmãos menores. Ali onde viviam, na Chapada do Araripe, no extremo sul do Ceará, em Nova Olinda, cidade localizada a 543 quilômetros de Fortaleza, seu Espedito tornou-se exímio produtor de selas.

No início dos anos 1980, Seu

Espedito teve que reinventar seu ofício, porque a profissão de vaqueiro entrou em queda, devido a uma profunda crise na pecuária, causada pela mais longa estiagem do século XX, que assolou o Ceará por longos cinco anos, entre 1979 e 1984.

Espedito Seleiro passou a fazer outras peças em couro, como sandálias e bolsas, e passou a usar cores. Tornou-se investigador de pigmentos naturais e técnicas de tingimento. Descobriu o angico que tingia de marrom, o urucum que traz o vermelho, a cinza da capimbeira, que colore de branco. Com o tempo, criou sua própria estética, com cores e

desenhos únicos, resultado da influência cigana, povo que admira e que, quando novo, o fascinava pelas vestimentas e adornos.

Para não deixar morrer o conhecimento que vinha sendo passado desde seu tataravô, ensinou o ofício aos irmãos, depois aos filhos e, mais recentemente, aos netos. Fundou também a Oficina-Escola Espedito Seleiro que, além das técnicas do ofício, cria, entre jovens do Cariri, a compreensão de que esse saber-fazer é parte de uma cultura, de um modo de ser que está vivo e que deve seguir vivendo dentro de cada jovem do sertão.

Hoje, Seu Espedito produz

calçados, bolsas, chapéus, carteiras, bancos, poltronas, além das selas, gibões e outros elementos da cultura vaqueira. Tudo artesanal, feito com couro de cabra, pelica e camurça compradas em diversas cidades do Nordeste. Suas peças são vendidas em outros estados e exportadas para outros países. Alguns produtos se destacam como muito característicos do mestre artesão, como é o caso das sandálias de Lampião e de Maria Bonita.

A confecção das sandálias foi inspirada por uma passagem da história do seu pai. Um dia, um cliente chegou com o desenho de uma sandália “quadrada” que encomendou do pai de Espedito. Alguns dias depois,

quando voltou para pegar a encomenda, aprovou a sandália e revelou ser cangaceiro do bando do Capitão Virgulino. A sandália com o formato quadrado tinha uma função bem prática para o bando por despistar os rastros deixados pelos calçados nas areias do sertão.

Anos depois, a pedido do músico Alemberg Quindins, idealizador da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, Espedito confeccionou uma sandália igual à de Lampião. Logo em seguida, criou também a sandália de Maria bonita.

Mestre da cultura, reconhecido oficialmente pelo Governo do Estado do Ceará e pelo Ministério da Cultura, Seu Espedito recebeu também o título de No-

tório Saber pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) em 2017. É com essa bagagem que seu Espedito parte para sua primeira exposição internacional.

Suas peças serão expostas na Embaixada do Brasil em Londres, na Inglaterra, entre os dias 15 e 22 de fevereiro. A exposição é promovida pelo Serviço de Aprendizagem Nacional (Senac) do Ceará. O livro “Meu Coração Coroado”, uma biografia do artesão e Mestre da Cultura, produzido por Eduardo Motta, também fará parte da exposição.



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental  
@zezeweiss

## LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

[www.xapuri.info/loja-solidaria](http://www.xapuri.info/loja-solidaria)

CAMISETAS 100% ALGODÃO  
FAÇA SEU PEDIDO AGORA!

### CANGAÇO

As sandálias de Lampião e Maria Bonita, só no Nordeste, com Seu Espedito Saleiro. Mas as camisetas do Cangaço, você pode comprar aqui, agora, na Loja Solidária da Xapuri. Comprando uma camiseta, você contribui para fortalecer o trabalho do Coletivo Vivarte em Formosa - Goiás.

### RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



Camiseta Maria Bonita  
Coleção Cangaço - Cor Rosa BB

Olê mulé rendeira,  
Olê mulé rendá  
Tu me ensina  
a fazê renda,  
que eu te ensino  
a guerreá.

Cancioneiro Popular

Arte: Danny Ataíde  
Acervo: Xapuri



Camiseta Lampião  
Coleção Cangaço - Cor Amarelo Ouro

É Lampião  
que vai entrando,  
amando, gozando,  
querendo bem!

Virgulino Ferreira da Silva

Arte: Danny Ataíde  
Acervo: Xapuri



Camiseta Corisco  
Coleção Cangaço - Cor Rubi

Te entrega, Corisco!  
Eu não me entrego,  
não!  
Eu não me entrego  
ao tenente,  
nem tão pouco  
ao capitão.  
Eu só enfrento a puliça  
de parabelum na mão!

Glauber Rocha - Sérgio Ricardo

Arte: Danny Ataíde  
Acervo: Xapuri

# O QUE SOBRA DEPOIS DO NADA?

Leonardo Boff



Fotos: Divulgação

Muitos em nosso país vivemos uma situação de luto. O luto se impõe quando sofremos perdas: os muitos mortos e centenas de desaparecidos do rompimento da barragem da Vale que destruiu criminosamente a cidade de Brumadinho. A perda da pessoa amada, do emprego que garantia a família, a emigração forçada por causa de ameaças de morte.

Maior é o luto quando atinge bens fundamentais de um país:

a perda da democracia, dos direitos trabalhistas garantidos há muitos anos, a diminuição das aposentadorias dos idosos, os cortes das políticas públicas para pobres e miseráveis, a privatização dos commons, bens fundamentais para a soberania do país.

Mas o grande luto é termos que aceitar um presidente que reforçou a cultura do ódio, de seu desconhecimento das questões nacionais, que nos envergonhou

em Davos, onde os donos do dinheiro no mundo se reúnem para garantir seus interesses. Seu discurso que poderia ser de 45 minutos, durou escassos seis, pois era tudo do pouco que tinha a dizer. Desmarcou as entrevistas para ocultar sua ignorância e as acusações graves que pesam sobre um membro de sua família.

Representa grande desafio para todos trabalhar as perdas e alimentar a resiliência, que significa saber dar a volta por cima e

aprender da situação de luto.

Vários são os passos a serem dados nesse percurso.

O primeiro passo é a indignação que se expressa na surpresa: é criminoso o rompimento da barragem da Vale. O país merecia um tal governo? Descobrimos que a vida comporta tragédias que fazem sofrer especialmente os pobres. E não raro nos culpamos por não termos cuidado nem percebido antes.

O segundo passo é a recusa sofrida: como foi possível chegarmos a este ponto com a Vale? De eleger um presidente com pouquíssimas luzes e com algumas características próprias do fascismo? Onde nós erramos? Inicialmente tendemos recusar o fato. Mas ele está aí, rude e tosco.

O terceiro passo é a depressão psicológica associada à recessão econômica. Atingimos o fundo do poço. A economia é para o mercado que lucra com a crise enquanto joga milhões na pobreza. Somos tomados por um vazio existencial e desinteresse das coisas da vida. Quem consolará os familiares dos vitimados de Brumadinho? Quem lhes reforçará a esperança de que as promessas de reconstrução vão ser cumpridas?

O quarto passo é o autofortalecimento. Operamos uma espécie de negociação com a frustração e a depressão. Essas coisas sinistras pertencem à vida com suas contradições. Não podemos afundar nem perder nossos projetos e sonhos. Precisamos reerguer as casas de Brumadinho. A Vale, empresa privada que pensa mais nos lucros que nas pessoas, tem que tirar duras lições para evitar novos crimes ambientais. O luto deve gerar pressões por parte do povo e novas iniciativas. Podemos sair mais fortalecidos do luto.

O quinto passo é a aceitação dolorosa do fato incontornável. O luto deve passar da frente dos

olhos para trás da cabeça, apesar das imagens inapagáveis do crime. Ninguém sai do luto como entrou. Amadurece a duras penas e experimenta que, no caso do novo governo brasileiro de direita, nem toda perda é total: ela traz sempre um ganho social e político.

Todo luto configura uma travessia paciente. Parece que nossas estrelas-guia se apagaram. Mas o céu continua a iluminar nossas noites escuras. As nuvens podem encobrir o Cristo Redentor do Corcovado, mas ele continua lá. Mesmo sem vê-lo, cremos em sua presença. Bolsonaro também passará. O Cristo, não. Enxugará as lágrimas dos familiares que sofrem.

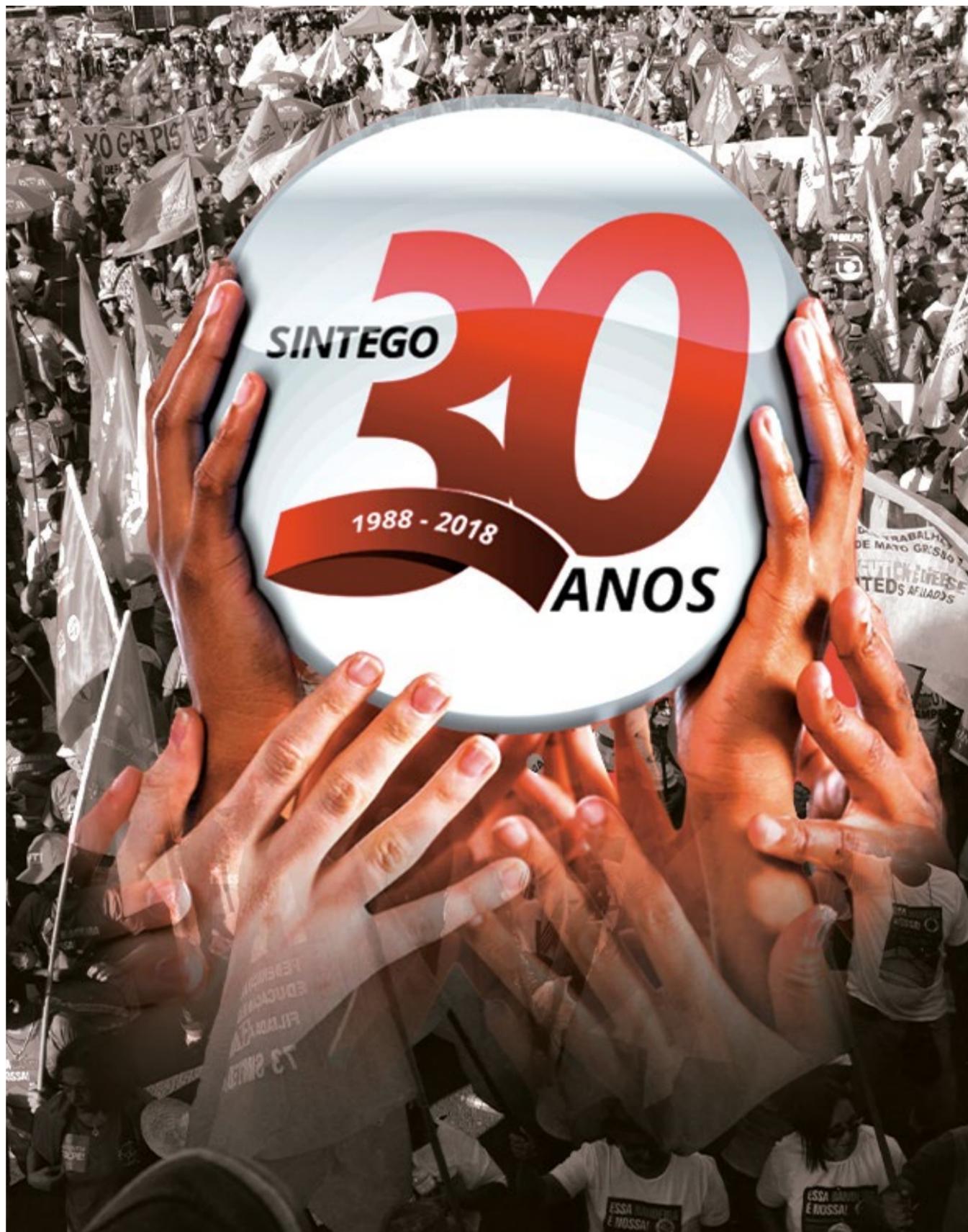
Com referência a nossa situação política, há que se reconhecer que nossa árvore foi mutilada: cortaram a copa, arrancaram as folhas, destruíram as flores e os frutos, cerraram seu tronco e arrancaram as raízes. O que sobrou depois de não sobrar nada? Sobrou o essencial que o luto induzido não consegue destruir: sobrou a semente. Nela, em potencial, estão as raízes, o tronco, as folhas, as flores, os frutos e a copa viçosa.

Tudo pode recomeçar. Recomeçaremos, mais seguros porque mais experimentados, mais experimentados porque mais sofridos, mais sofridos porque mais dispostos para um novo sonho. O luto passará. Será tempo de refazimento de um Brasil mais cordial, solidário, justo e hospitaleiro.



**Leonardo Boff**  
Filósofo. Teólogo. Escritor.  
Excerto do livro Saber Cuidar.  
18ª Edição. Editora Vozes.  
2012.





## 30 ANOS DE LUTA POR UMA ESCOLA MELHOR

Bia de Lima

Há 30 anos, quando o SINTEGO nasceu, o Brasil vivia um momento alvissareiro para a educação e para a democracia brasileira. Em 05 de outubro, o povo brasileiro ganhava a sua primeira Constituição, depois dos anos de chumbo da ditadura (1964-1985).

Em 25 de novembro, durante o Congresso de Itumbiara, nascia o SINTEGO, com a missão de defender os interesses de toda a comunidade de profissionais da educação em Goiás, o que não era permitido pelas leis do regime militar, que restringiam a organização sindical somente a associações segmentadas de administrativos e professores.

De lá para cá, foram muitas as nossas lutas, as nossas conquistas! Difícil acreditar, mas foi da luta do SINTEGO e das organizações que vieram antes de nós, como o CPG (Centro dos Professores de Goiás), que vieram os concursos públicos, as políticas estaduais e nacionais de valorização dos profissionais da educação e, já no governo Lula, o Piso Salarial.

Temos muito orgulho da nossa história, porque afinal são três décadas de avanço na caminhada rumo a uma escola pública de qualidade, com estrutura adequada, um funcionalismo valorizado e, tão importante quanto, com mães e pais felizes por conseguirem matricular suas crianças em escolas boas, perto de suas casas.

Recebemos, com alegria, muitos depoimentos de funcionários administrativos, profes-

sores e diretores da nossa escola pública que falam da confiança dos familiares no trabalho de educadores em todos os municípios do nosso estado.

Sabemos que a qualidade do ensino passa sempre pelo investimento na formação e na valorização de nossos profissionais da educação por meio do respeito ao Piso e aos Planos de Carreira, resultado de nossa luta disciplinada, sistemática e diária ao longo de três décadas.

Travamos sempre o bom combate. Participamos de todas as grandes manifestações nacionais em defesa da educação e da democracia. Aqui em Goiás, pressionamos, fizemos e fizemos greve contra os governos de plantão sempre que nossos direitos foram ameaçados ou desrespeitados.

Nos últimos anos, lutamos muito contra a privatização e a militarização das escolas goianas, obsessão do governo Marconi que conseguimos, a duras penas, debelar. Agora, vivemos tempos de mudanças, infelizmente preocupantes. Em Goiás, contra a privatização de ensino e os atrasos de nossos salários. No Brasil, contra essa onda conservadora que insiste em amoldar as liberdades conquistadas por nossos educadores e por nossa sociedade.

Como em toda nossa história, estamos em luta e em resistência, sempre com alegria e com fé, porque, como diz o poeta, "a fé não costuma faia."



**Bia de Lima**  
Educadora. Presidenta do Sintego.

**SINTEGO**  
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO  
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

filiação à



# MARGARETHA GERTRUIDA ZELLE - A MATA HARI

Iêda Vilas-Bôas

*"Vadia, sim! Traidora, jamais!"*



Estas foram as últimas palavras desta dançarina linda, exótica e ousada, nascida em 07 de agosto de 1876, em *Leeuwarden*, nos Países Baixos, que figura entre as mulheres fortes que fizeram a história do mundo. Acusada de espionagem, foi condenada à morte e fuzilada em 15 de outubro de 1917, em *Vincennes*, França, durante a Primeira Guerra Mundial. Estamos indo para 102 anos de sua morte e ainda paira a dúvida no ar: Mata Hari traiu seu país? Margaretha Gertruida Zelle era apenas uma jovencinha bonita, esperta e assustada que, por problemas familiares, após a morte de sua mãe e com o novo casamento de seu pai, foi

enviada, juntamente com seus três irmãos mais novos, para a casa de parentes. Com devaneios próprios de uma juventude difícil, a jovem Margaretha destoou da educação vigente em sua escola e foi expulsa, aos 16 anos, como consequência natural do sistema patriarcal, por se envolver sexualmente com um dos diretores da instituição.

Com a expulsão, ela decidiu fugir de casa, indo morar com um tio em Haia, na Holanda. Já não era virgem e não servia para o casamento com os moços do lugar e estava ficando "velha". Assim, com 19 anos, lê e responde a um anúncio amoroso em um jornal. Quem escreveu foi o capitão do

exército Rudolf MacLeod, de 39 anos, que vivia nas Índias Orientais Holandesas, atual Indonésia.

Margaretha foi atrás do seu sonho de se casar, constituir família e viver feliz ao lado do militar. Entretanto, ele era um alcoólatra violento e tinha uma amante oficial. Mais experiente e possuidora de um gênio inquieto e curioso, a moça resolveu, também, ter um caso extraconjugal e, de quebra, aprender sobre a cultura oriental com seu amante japonês.

Do casamento nasceram dois filhos: Jeanne (Nonnie) e Norman, falecido aos dois anos de idade. Margaretha e Rudolf suspeitaram que as crianças houvessem sido envenenadas por inimigos do militar. Outra hipótese para essa morte prematura teria sido por doença de origem congênita, já que o pai era sífilítico e havia se tratado com altas doses de mercúrio. Em seguida, Rudolf foi dispensado do serviço militar, e o casal retornou, com a menina, à Holanda.

Em 1902, Margaretha se separou do marido e, em seguida, perdeu a guarda da filha. Essa perda foi um enorme baque emocional para Margaretha. Ela não conseguiu reverter a causa em seu favor. Era mulher, separada e de reputação duvidosa. Ia contra todos os padrões machistas, seu comportamento era considerado pouco convencional e desafiador. Além disso, não dispunha de recursos financeiros para disputar a guarda e recuperar sua menina.

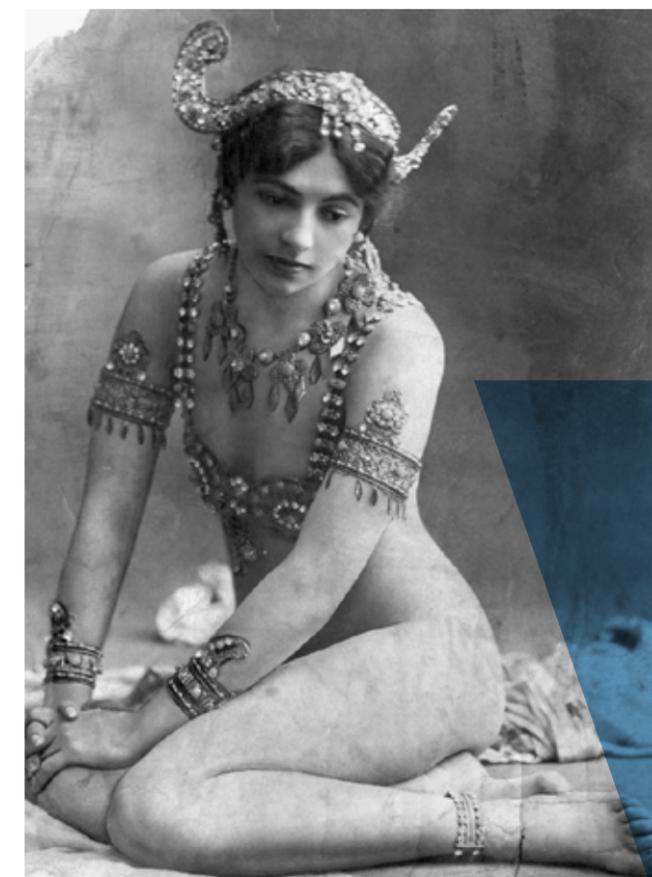
Com tantas adversidades em seu caminho, ela se mudou para Paris, em 1903. Sobrara-lhe o rosto perfeito, o corpo de deusa e a longa cabeleira negro-azulada. Além de uma facilidade nata de se comunicar e de encantar a todos. Com esses atributos vira artista e nasce a Mata Hari – que em malaio, um dialeto indonésio, significa "Olho da Manhã" ou simplesmente "Aurora".

A vida continuava difícil, e a jovem mulher trabalhava como modelo para quadros de nu feminino e, nas durezas mais severas que a vida lhe impôs, foi prostituta. Surgiu-lhe a oportunidade de trabalhar em um circo e, então, Mata Hari começou a se apresentar como dançarina e adquiriu alguma fama.

Passou a apresentar-se em festas organizadas em luxuosas mansões, com roupas exóticas, transparentes e reveladoras. Usava, de costume, um biquíni bordado de joias (e dizem, nunca tirava a parte de cima do biquíni porque tinha vergonha de seus seios pequenos) e alguns ornamentos nos braços e na cabeça. Rejeitava sua origem europeia, gostava de se passar por nativa das Índias Holandesas.

Em suas apresentações, Mata Hari passava-se por uma princesa hindu da Indonésia, e os parisienses adoraram essa exotividade. Seu show consistia basicamente em um sensual strip-tease em que trazia toques da dança de misticismo oriental e inventava histórias sobre como havia sido criada em um templo na selva em Java. Em 1905, ela se apresentou pela primeira vez no *Musée Guimet*, dedicado à cultura asiática.

Daí pra frente foi sucesso total, alcançou reconhecimento internacional e muita fama. Mata Hari despertava cobiça entre os figurões daquele tempo e era descrita pela imprensa parisiense como sendo "felina, extremamente feminina e majestosamente trágica"; e, ainda, possuidora de "milhares de curvas e movimentos de seu corpo que tremiam com milhares de ritmos".



Passado o auge de sua meteórica carreira, tornou-se uma importante cortesã, mantendo um vasto círculo de admiradores composto por políticos, altos militares e homens influentes de vários países.

O ano era 1914, e a Primeira Guerra Mundial

havia começado. A Holanda a princípio manteve uma atitude neutra, depois foi ocupada pelos alemães. Por ser holandesa, Mata Hari não tinha qualquer problema na hora de viajar de um país a outro pela Europa. Entretanto, suas idas e vindas despertaram dúvidas no alto comando francês.

Seu nome passou a figurar na lista de pessoas suspeitas de espionagem. Existem evidências de que ela agiu como espiã para os alemães e também tenha atuado como agente duplo a serviço dos franceses. De repente, Mata Hari estava totalmente envolvida no mundo obscuro da espionagem e dos traidores.

No mês de janeiro de 1917, as autoridades francesas interceptaram uma mensagem enviada por um oficial alemão, da base de Madri. A mensagem era destinada a Berlim e em seu conteúdo delatava atividades de um espião identificado como H-21. Imediatamente, uniram a denúncia à Mata Hari. Existe uma corrente que acredita que todo esse evento tenha sido apenas uma armação dos alemães contra ela e de que ela tenha sido um bode expiatório do exército francês.

Sem condições de justificar sua inocência, em fevereiro, Mata Hari foi presa e enviada à Prisão *Saint Lazare*, em Paris. Permaneceu presa de fevereiro a outubro, de onde saiu somente para se encontrar com a rajada mortífera que lhe ceifou a vida. Seu julgamento foi parcial, atípico e estranhamente ligeiro. Historiadores apontam que o julgamento de Mata Hari foi tendencioso e que boa parte das evidências usadas contra ela eram circunstanciais.

Há quem acredite que a sua execução serviu para desviar as atenções das imensas perdas que o Exército francês estava sofrendo em seu fronto oriental. Ela foi acusada de revelar aos alemães detalhes sobre a nova arma dos aliados: o tanque de guerra. Também foi acusada de usar "tinta invisível" para escrever mensagens aos inimigos. Foi considerada culpada de todas as acusações e condenada à morte por fuzilamento.

Em sua defesa, Mata Hari relatou que, devido à guerra, havia ficado novamente em situação financeira muito difícil e que teria recebido dinheiro de um cônsul alemão em pagamento de itens pessoais vendidos a ele, como: casacos de pele e peças caras de vestuário, mas negou ter realizado qualquer "serviço" de espionagem para esse homem ou qualquer outro.

Sobre a tinta invisível, Mata Hari alegou que a usava a substância como material para as maquiagens em suas apresentações. Seus argumentos não convenceram seus algozes. Uns dizem que Mata Hari estava mais para uma vítima de seus erros do que para traidora.



A sua própria fama e sua paixão por um homem 18 anos mais jovem, um soldado, é que a fez morrer. Podemos dizer que ela foi vítima de uma "caça às bruxas" ou morreu em consequência da misoginia, tendo a sua fama e comportamento sido jogados e usados contra si.

Em 15 de outubro de 1917, Mata Hari vestida elegantemente disse convicta suas últimas palavras: *"Vadia, sim! Traidora, jamais! Eu tenho orgulho do meu passado e não fui espiã, eu fui Mata Hari"*. Dizem que Mata Hari recusou a venda e soprou um beijo ao padre, ao seu advogado e ao pelotão, antes de os atiradores abrirem fogo. Seu corpo caiu, ali, inerte em um bosque perto de Paris. Ninguém apareceu para reclamar seus restos mortais.

Hollywood eternizou esta mulher-mito através de sua estrela Greta Garbo em *"Mata Hari"* (1931). Desde então, houve cerca de 50 filmes e séries de TV sobre a espiã ou baseados livremente em sua vida. Em 2016, foi lançado um livro com correspondências inéditas escritas em próprio punho por Mata Hari e o escritor brasileiro Paulo Coelho dedicou-lhe um romance: *"A Espiã"*.

Por onde anda a dançar e encantar Mata Hari? O que dela ficou em nós, a nos dar força, enquanto mulheres, que lutam para mudar destinos a nós impostos?

Salve a aurora exótica! O olho da Manhã! Salve, Mata Hari!



**Iêda Vilas-Boas**  
Escritora

## A CADA SALSICHA CONSUMIDA, MENOS 15 MINUTOS DE VIDA

Eduardo Pereira

Em toda festa caseira, em toda porta de escola, em toda praça brasileira, do Chuí ao Caburá, as chances são grandes de se encontrar um suculento cachorro quente, essa mistura sedutora de salsicha com pão, farto molho de tomate e, claro, muita batata palha. Tudo industrializado, *off course!*

Qual o problema? Em estudo publicado pelo conceituado *British Medical Journal*, pesquisadores indicaram que a salsicha, esse embutido industrializado, presente nas geladeiras das casas de todos os continentes, reduz em 15 minutos a vida humana a cada unidade consumida.

O estudo corrobora o alerta da Organização Mundial de Saúde (OMS), de que o consumo de alimentos processados com produtos químicos, como os nitritos e nitratos de sódio, como as salsichas, tem alto poder carcinogênico, ou seja, pode trazer um câncer para a sua existência.

Por outro lado, o método de defumação, usado para prolongar a validade do produto, utiliza o alcatrão, presente na fumaça do carvão. Embora pouco se saiba sobre os impactos desse processo na saúde humana, entre os pesquisadores há consenso de que a defumação é capaz de danificar a estrutura do DNA das células, dando origem a mutações genéticas que, por sua vez, também podem causar câncer.

A boa notícia é que, no mesmo estudo, a pesquisa indica que o café, ao contrário da salsicha, prolonga a vida humana. Duas ou três xícaras de café por dia, e as chances são de que você fique pelo menos mais um ano no espaço físico deste nosso planeta Terra.



**Eduardo Pereira**  
Sociólogo  
@weiss\_guru





## ASSENTAMENTO VIROLA-JATOBÁ, PROJETO DE IRMÃ DOROTHY, ESTÁ AMEAÇADO POR FAZENDEIROS ANAPU, NO PARÁ

Moisés Sarraf

Em setembro de 2018, alojamentos e toras de madeira retiradas de atividade de plano de manejo florestal no assentamento do Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Virola-Jatobá, zona rural do município de Anapu (PA), foram alvo de um incêndio criminoso, e os responsáveis continuam na impunidade. O ataque teria sido uma retaliação depois que invasores, entre eles fazendeiros, foram retirados da área em cumprimento a mandado de reintegração de posse da Justiça Federal.

O Virola-Jatobá fica ao lado do PDS Esperança, onde a missionária norte-americana Dorothy Stang foi assassinada, em 2005, a mando de fazendeiros.

Para os moradores, o acirramento do conflito é resultado da ocupação irregular que começou em 15 de novembro de 2017, quando o assentamento foi invadido por cerca de 200 homens, entre grileiros e madeireiros ilegais. Armados, eles demarcaram lotes de terra medindo de 100 a 200 hectares, e estão oferecendo a posseiros.

À época das invasões, os moradores do PDS Virola-Jatobá estavam no acampamento, onde extraíam espécies vegetais que seriam comercializadas em 2018. "Nós ainda ficamos lá uns 30 dias. Ficaram ameaçando a gente pra sair. Uns iam lá falar que era pra sair. Nós saímos, estávamos em seis pessoas. Não tem conversa com eles", disse

um representante da Associação Virola-Jatobá, que preferiu não se identificar por receio de ameaças.

No PDS Virola-Jatobá, dentre outras atividades, os assentados realizam a extração de madeira a partir do projeto de manejo, o que significa que há "pesquisa de compradores, reconhecimento, pra saber se são legais". O representante da associação disse que a madeira que foi queimada já tinha comprador e o dinheiro obtido seria revestido a um novo inventário da floresta a ser manejada, totalizando 500 hectares, além de um percentual a ser investido na saúde da comunidade e em melhorias de estradas. Segundo ele, os valores remanescentes seriam rateados

entre as famílias, o que totalizaria cerca de R\$ 5 mil para cada uma, resultado da extração de espécies como angelim vermelho, maçaranduba, cumaru e jatobá. O prejuízo chega a R\$ 1 milhão.

Com um total de 23.558 hectares, o PDS Virola-Jatobá fica na vicinal do km 120 da BR-230, sentido Altamira-Anapu, e tem 170 famílias. A 80 km da zona urbana de Anapu, o projeto tem como objetivo aliar reforma agrária a proteção ambiental. Assentados dizem que as invasões começaram ainda em novembro de 2017.

### HISTÓRICO DE VIOLÊNCIA

Apesar da invasão do PDS Virola-Jatobá ter ocorrido em novembro de 2017, houve uma "demora muito grande para que o juiz emitisse parecer sobre o caso, somente em maio foi emitido", afirma Roberto Porro, pesquisador da Embrapa da Amazônia Oriental, que atua no projeto de manejo do PDS. "E, mesmo após a emissão, os oficiais da Justiça Federal só puderam levar essa decisão no final do mês de julho", afirmou.

Segundo certidão sobre a reintegração de posse, assinada pelos três oficiais de justiça que acompanharam a execução do mandado, foram verificadas "grandes áreas desmatadas, com quantidades incalculáveis de toras de madeira irretocavelmente cortadas, prontas para a retirada". Ainda segundo os oficiais de justiça, eles se depararam com "um grande aglomerado de ocupantes ilegais", que informaram haver ainda 200 famílias vivendo em barracões em áreas de floresta com acesso a pé, dentro do PDS.

Ao comunicarem a decisão da

justiça, os oficiais foram contestados pelas famílias que ocupavam a área. Ainda segundo relato dos trabalhadores invasores, eles estavam pagando cotas mensais de R\$ 200 e R\$ 750 para poder adentrar e permanecer no PDS Virola-Jatobá. Os trabalhadores retirados da área foram conduzidos em ônibus fornecidos pelo Incra para uma casa de apoio cedida pela



UFPA e da Embrapa para a retomada do projeto de manejo, porém, dois dias depois, relataram o ataque às áreas do projeto.

"Há trabalhadores rurais que não concordam com a proposta do PDS e que acabam sendo massa de manobra de gente mais poderosa que se beneficia da inconsistência da ação do Estado", avalia Porro. Segundo ele, trabalhadores rurais, então, eram incentivados a invadir as terras e um intermediário cobrava taxas para a ocupação das áreas. O objetivo final é que as terras sejam vendidas a fazendeiros e madeireiros.

### PDS VIROLA-JATOBÁ TEM 15 ANOS

Há um conflito de perspectivas na área do PDS, avalia Roberto Porro. O PDS em si é um assentamento que já faz parte da reforma agrária no Brasil. O Virola-Jatobá foi criado em 2002, "com essa característica de ser ambientalmente correto, com área comum para manejo florestal, reserva legal, respeitando a legislação ambiental", explica Porro, ressaltando que o conflito se radicaliza uma vez que o Incra já não pode criar mais assentamentos na Amazônia.



Moisés Sarraf

Jornalista. Matéria publicada no site da Amazônia Real <http://amazoniareal.com.br> em 22/10/2108. A Xapuri reproduz o texto, com edições de Zezé Weiss, por limitação de espaço, em memória de Irmã Dorothy Stang (1931-2005), missionária norte-americana naturalizada brasileira, assassinada no dia 12 de fevereiro, em Anapu, por seu trabalho em defesa da floresta amazônica e dos povos que nela vivem.

prefeitura da Anapu. Cerca de 20 trabalhadores, entre adultos e crianças, foram alocados na casa com alimentação garantida por apenas dois dias.

Com apoio da Polícia Militar e da Polícia Federal, a reintegração de posse foi executada nos dias 19 e 20. Naqueles dias, moradores do PDS entraram em contato com pesquisadores da



# Um minuto em Defesa e Promoção da Escola Pública

Concurso de vídeos  
**Luz, Câmera Educação!**

Participe do concurso de vídeos e gifs animados de até um minuto sobre o tema "Defesa e Promoção da Escola Pública". Se você é estudante, professor sindicalizado ou responsável por aluno de escola pública, envie seu vídeo!

**Serão 4 prêmios**  
**no valor do**  
**piso salarial do**  
**magistério**

**Inscrições gratuitas até 1º/4/2019**

[cnte.org.br/concurso](http://cnte.org.br/concurso)





Foto: Izalete Tavares

Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,  
faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA  
IMPRESSA**

**ANUAL**

R\$ **150**,00  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL**

R\$ **250**,00  
24 EDIÇÕES  
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

**ASSINE JÁ!**

**[WWW.XAPURI.INFO/ASSINE](http://WWW.XAPURI.INFO/ASSINE)**